



## HOMOTERNURISMO

( Uma palavra que não tem no

Aurélio)

A gente surgiu no cenário teatral no final dos anos 60; Timochenko Whebi, José Vicente, Antonio Bivar, Leilah Assunção, Consuelo de Castro, Nery Gomide, Isabel Câmara (onde anda ela?), eu e mais alguns. A gente tinha muita coisa em comum. Todo mundo tinha nascido nos anos 40. E

mais : todos filhos do Plinio Marcos e netos do Nelson Rodrigues. Éramos (naquele tempo) os Novos Autores.

Tinha mais coisas em comum: surgimos logo depois do Ato Institucional na5. A esquerda se apaixonou pela gente e todos nós tivemos nossos momentos de comunistas. Durante os anos 70, toda

essa gente continuou escrevendo o que mais tarde seria chamado de "teatro de resistência". Ninguém tinha lido Marx, mas a gente punha Marx no palco.

Todo mundo tinha vergonha de escrever uma boa duma comédia. Todo mundo cairia de pau.

Mas veio a tal abertura no final dos 70 e todo mundo foi pego de calça curta: e agora? Sobre o que eu vou escrever? Foi mais ou menos a partir dessa pergunta que foi surgindo esta peça. O Grupo Mambembe me encomendou uma peça. Dois meses pensando em o que escrever. Foi quando eu resolvi escrever uma peça de trás pra frente "para chegar nas minhas raízes".

Todo mundo-inclusive eu-já havia escrito sobre a nossa geração. Mas todas as peças falavam da nossa vida sob o prisma político. E não foi só de repressão política/social que a gente foi crescendo.

Tinha as outras repressões. Era hora de tocar nelas.

A Igreja, o Sexo, o Amor. Nossa geração é uma geração que cresceu sob a síndrome da culpa. Há bem pouco tempo que consegui transferir as minhas masturbações do banheiro (com porta fechada) para a sala de janela aberta). De quem mesmo eu estava me escondendo? De Deus? Mas que Deus é este que proíbe o prazer e ainda coloca culpa na cabeça da gente? É que ele nunca trepou. Nem ele, nem os papas nem alguns padres. Não sabem o que é bom.

Portanto, *Besame Mucho* é sobre esses medos, essas repressões. *Besame Mucho* é a história de dois amigos que durante três décadas se amaram. Uma história de amor entre dois meninos, entre dois rapazes, entre dois adolescentes, entre dois homens que nasceram nos anos 60 e se sentaram no divã nos anos 70 com todas as culpas do mundo.

Uma história não de homossexualismo, mas de homoternurismo: ternura entre pessoas do mesmo sexo- A amizade que todo mundo tem. Aquele cara pra quem a gente conta tudo.

Aquele cara que segura todas, aquele cara que é amigo da gente, que a gente ama.

Tem nada de viado, não. Coisa de homem.

Coisa de homem corajoso. Coisa de homem que sorriu nos anos 60, ficou de cara amarrada nos 70

e nos 80 está aí para o que der e vier.

*Besame Mucho* é uma história de amor entre quatro pessoas, sem as quatro paredes. O jogo é aberto.

Cansei de ser comunista. Quero ser apenas Homem. Como Xico e Tuca. E meu lado feminino, que está na Olga e na Dina. A

sacanagem fica por conta dos dois contra-regras. O resto é apenas ternura. Ou melhor, homoternurismo. Que, espero, um dia entre para o dicionário do Aurélio.

Mário Praia/ verão de

87.

**BESAME MUCHO, A**

**PEÇA**

Respeitável público, há um engano

lamentável : aquele que prometeu era outro e não eu.

Isso porque sou vários ou no

mínimo dois : aquele que diz,

antes, e o que nega. depois.

Minha querida dama. há, aí, um grave equívoco : quem te amou foi o boneco, eu sou o ventríloquo.

*Sérgio Antunes*

# 1982

*( Ao abrir o pano ou acender as luzes, vemos dois*

*planos distintos:*

*A — Plano de Tucu e Dina.*

*B - Plano de Xico e Olga.*

*No plano A, uma mistura de quarto com altar de igreja. No altar. Nossa Senhora, ao vivo. No plano B, uma sala de estar, com a televisão ligada no programa que estiver no ar naquele momento. Xico e Olga, em silêncio até certo ponto constrangedor, assistem à programação. O som da TV está a uma altura que não interfira nas duas cenas que acontecerão*

*simultaneamente.)*

*Xico-Uma merda!*

*OLGA- (Depois de uma certa pausa.) O quê?*

*Xico - Tudo! Essa coisa aí (a TV).*

*(Silêncio entre os dois. No plano A entra Tuca, vestido de Lampião.*

*Lampião fica observando a igreja.*

*Guarda a peixeira que estava em sua mão. Vai até o altar, mexe nos objetos de prata e ouro. Rouba alguma coisa.*

*Ajoelha e começa a rezar. Antes, olha bem em volta para ver se ninguém o está observando. No plano B:)*

*Xico - Tá tudo errado! Onde devia ser realidade, fazem ficção. Onde devia ser ficção tentam fazer realidade.*

Assim não vai ser mesmo possível,

Olga.

OLGA - A gente não ia conversar?

Xico - Não tem mais o que conversar.

OLGA - Se você prefere assim...

*(Olga muda de canal, ajeita a sintonia noutra emissora e volta para a mesma*

*posição. Xico acende um cigarro de maconha.)*

Xico – Um tapa?

Olga – Se isso resolvesse. Forte?

Xico – Social. Ainda é aquele do Tuca.

Olga - Como é que ele está?

Xico - Não sei.

Olga – Não sabe ou não quer falar ?

Xico – Não sei.

Olga - É forte. E aquela figura

"inteligente" da mulher dele?

Xico- Porra Olga.

*(Xico vai até a televisão e volta para o programa que estava no ar anteriormente. Lampião acabou de fazer a sua oração.)*

LAMPIÃO- A senhora vai me

desculpar muito, minha Nossa

Senhora, mas eu necessito deste

material que estou levando. A Senhora há de compreender . Os macacos...

VIRGEM - Não precisa explicar nada.

Eu sei. Vai levar tudo e me deixar aqui?

LAMPIÃO - *(Que ia saindo, volta.)* E

pra onde é que eu poderia levar a

Senhora?

VIRGEM - Junto com você, ué. Poderia ajudar em alguma coisa.

LAMPIÃO — A Senhora, mesmo sendo

quem é, não agüentaria a minha vida. A caatinga é um inferno, minha Virgem Santíssima.

VIRGEM — E essa vida que eu levo aqui, você acha interessante?

LAMPIÃO - Quem sou eu para julgar?

VIRGEM - Virgem! Está me ouvindo,

Lampião? Virgem! Da cabeça aos pés!

LAMPIÃO - Com o perdão da

curiosidade deste humilde mortal,

minha Virgem, taí uma coisa que eu nunca entendi- Como é que é esse

negócio da Senhora, sendo Virgem,  
como é que nasceu o Menino Jesus?

Hein?

VIRGEM — Foi o anjo.

LAMPIÃO - Pra cima de mim não, que eu não nasci ontem.

VIRGEM - Ora. Lampião, são coisas das Escrituras. Você bem que poderia

mudar as Escrituras pra mim. Pelo que ouço contar a seu respeito, onde você passa, tudo muda.O lugar nunca mais volta a ser o mesmo.

LAMPIÃO - Me desculpa, mas sou meio lento em entender certos pensamentos.

O que é que a Virgem Santíssima  
quer dizer com mudar as Escrituras?

VIRGEM - Exatamete o que você  
entendeu, Lampião (*Pisca para ele.*) Me desvirginar.

LAMPIÃO - (*Faz o sinal-da-cruz.*) A Senhora está perdendo o devido  
respeito para com a minha modesta e mortal pessoa. Vim aqui  
apenas para roubar. Não costumo abusar de moças virgens, muito  
principalmente uma

Virgem como a Senhora. A Virgem

mais famosa do mundo. Olha o  
respeito.

VIRGEM - O que é que as outras  
mulheres têm que eu não tenho?

LAMPIÃO - Passar bem, minha  
senhora.

*(Lampião sai. No plano B:)*

OLGA - E ficar aqui, os dois, sentados vendo televisão , você acha  
que

resolve alguma coisa?

Xico - Mas o que é que falta resolver, Olga?

OLGA - O quê? Mas como, Xico. Falta tudo. Falta resolver tudo. Só  
isso, tudo.

**Xico** - Só os detalhes técnicos.

OLGA - Você é incrível, Xico. Chama isso de detalhes técnicos?

Xico - Como é que você prefere  
chamar?

*(No plano A, Lampião volta e fica olhando para Nossa Senhora. Ajoelha-se e começa a rezar baixinho, em latim, enquanto vai se desenrolando a cena no outro plano.)*

**ORAÇÃO** - Salve Regina, mater misericórdiae, vita, dulcedo et spes  
nostra, salve. Ad te clamámus, éxules filii Havae. Ad te suspiramus

geméntes et flentes in hac lacrimárum valle. Eia. ergo, advocata noslra, illos tuos misericordis óculos ad nos

converte. Et Jesum, benedictum fruetum ventris tui, nobís post hoc exsillium osténde ó clemens, pia, o dulcis Virgo Maria.

*(Durante a oração, no plano B:)* **Xico** - Não tem nada pra resolver. Pego as minhas coisas e pronto.

OLGA - Pois é justamente sobre isso que a gente tem que conversar.

XÍCO - E não estamos conversando? Ou você imaginava que tinha de ser de que maneira? Me diga. Ou será quê?

Não, me fala. Como é que tinha que ser? Um jantar, um vinho do Reno...

OLGA - Não é nada disso. Xico. Você fala que é só pegar coisas e ir embora.

Xico - Exatamente. Pegar as minhas coisas e ir embora.

OLGA - Mas não pega.

Xico - Claro, ainda não arrumei

lugar. Você sabe disso muito bem.

Também não é assim. Doze anos são

doze anos. Tempo paca.

OLGA - Como é, então?

Xico - E eu sei lá. Nunca me separei antes. E depois, quando já estava

tudo praticamente resolvido, você

me disse que ia com as crianças

para o Rio de Janeiro. Não disse?

Estou esperando.

OLGA - Tá vendo? Tá adiando

outra vez.

Xico - Assim não dá pra

conversar, Olga.

OLGA - Mas será que nem na hora

de se separar você se resolve? Será que até nessa situação eu é fcvou ter que fazer tudo? Assuma, cara.

Xico - Quer parar com essas

insinuações?

OLGA - Não estou fazendo

insinuação nenhuma.

*(Olga, irritada, sai de cena. Xico fica sozinho na sala, vendo televisão, interessado, quase alheio à saída de Olga. Até mesmo aliviado. No plano A, Lampião, que já acabou de fazer sua oração, fez o sinal-da-cruz e ficou em pé,*

*olhando para ela.)*

LAMPIÃO - A Senhora é mesmo uma

mulher muito bonita.

VIRGEM - Bonita e gostosa.

LAMPIÃO - *(Sempre com um pé atrás.)* Quantos anos de inferno dá um pecado desses?

VIRGEM - *(Descendo do altar e indo para perto dele.)* Que pecado, Virgulino? Diga o nome do pecado.

LAMPIÃO - Esse. Esse aí.

**VIRGEM** - Qual?

LAMPIÃO - Desvirginar a mãe de Deus.

Pelo que eu sei, só um anjo já andou pelo pedaço aí.

VIRGEM - *(Abraça Lampião.)* Você caiu do céu, Lampião.

LAMPIÃO - Olha. minha Nossa

Senhora, quando o milagre é grande demais, a gente desconfia do santo.

**VIRGEM** - Aqui na Santa, pode confiar, Você deve achar que eu sou inexperiente, bobinha, bobinha, não é ?

LAMPIÃO - Bem, devo confessar para a Senhora

que eu nunca me imaginei numa

situação dessas. Nunca imaginei

enfrentar um combate desse tipo. Sou de formação cristã. Meus pecados são outros.

*(A Virgem tira o chapéu de Lampião, vira o rosto dele e o beija na boca.*

*Ele, sempre tirando o corpo fora, com medo do que está para acontecer.)* VIRGEM - O que não dirão aí pela

caatinga quando souberem que que o homem mais temido pela polícia de onze estados não deu no couro?

LAMPIÃO - A Senhora não me

provoque. A Senhora está sendo

vulgar.

VIRGEM - Vulgar é ficar ali feito estátua, virgem, com um homem

como você dando sopa aqui em baixo.

LAMPIÃO - Convém a Senhora parar

com essas bolinações que depois eu não me responsabilizo. Eu sou duro para começar. Mas, depois, o coração fica mole, o trabuco fica duro e a senhora pode se foder. Perdão, a

Senhora pode se arrepender.

VIRGEM – Já vi que você é daqueles que falam muito e fazem pouco. O

famoso Lampião...

*(A Virgem tira o vestido, ficando de calcinha esutiã, mas mantendo na cabeça aquelas coisas de nossa Senhora. Lampião fica andando em volta, observando o corpo dela. No plano B, Olga volta:)*

OLGA - Olha aqui, Xico, eu estou a fim de resolver este negócio de uma vez por todas.

Xico - Mas, porra! Mas que caralho falta pra resolver? Não acabou tudo?

Quer resolver o quê? Quer que eu

providencie um livro de atas para ano-tar tudo?

OLGA - Xico Vargas! Xico Vargas, o famoso escritor! *(Ri)* O que eu quero saber é uma coisa só: quando é que o senhor se manda daqui? Estamos vi-vendo esta situação há mais de dois anos. Você resolve. Ou sai você, ou saio eu.

Xico - Já disse que preciso arrumar um lugar para ir.

OLGA - Vá a merda! Até aqui com essa conversa mole, ó. Até aqui. Você tem é medo de sair de perto de mim e morrer de fome.

Xico - Cala a boca! Olha só quem

está falando. Imagine. Você é mesmo uma débil mental.

OLGA — Pois então saio eu. Enquanto o senhor fica resolvendo.

Xico - *(Para Olga que vai saindo.)* E

pára com esse deboche pra cima de

mim que eu não tenho culpa de ser o Xico Vargas.

OLGA – *(off.)* No cu!

*(Lampião foi tirando a sua roupa, ficando apenas de cueca sambacação. A Virgem começa a rir, quase como Dina. Lampião fica possesso.)*

LAMPIÃO - Pára de rir.

VIRGEM - *(Como Dina, sem dar*

*muita bandeira.)* Mas amor, onde foi que você arrumou essa cueca ?

LAMPIÃO - Você me atiçou. Você me

provocou. Você me levantou o

trabuco. Tô com a moral elevada.

Agora, se concentra. Se concentra.

*(fica olhando o corpo dela.)* Você tá me deixando doido Nossa Senhora. Tá me deixando doidinho da silva. Pela última vez, a Senhora tem mesmo

certeza que quer dar um pissirico?

VIRGEM - Não sabe como. Quero que

você entre em mim, que você me faça gozar como nunca gozei. Quero te

sentir inteiro, forte, cangaceiro, suado, macho, bruto, me machucando, me

mordendo, me batendo, me

arranhando, me mordendo. Quero que você me enfie a sua peixeira.

*(Referindo-se à peixeira mesmo.)* LAMPIÃO - Deus é testemunha que eu fui provocado, atiçado. Seja o que Deus quiser. Afinal, ele é seu filho.

*(Lampião age sexualmente quase como um animal. E ela, para*

*surpresa dele, igualmente. Começam a se beijar ardentemente. Olga volta para a sala, no plano B, com uma estatueta do Prêmio*

*Molière nas mãos. E uma mala. Xico se levanta e fica olhando para ela. Luz vai caindo em resistência no plano A, com Lampião e a Virgem fazendo amor, indo para o chão. Gemem muito. No plano B:)*

OLGA - Depois eu dou um jeito de

mandar buscar as coisas. As crianças também ficam lá na mamãe.

Xico - Não seja ridícula, Olga. Senta aqui. Vamos conversar.

OLGA - Vou levar o Molière.

Afinal...

Xico - É. Afinal... Mas é

assim?

OLGA - Como é que você prefere? Com um Livro de Atas para registrar os últimos momenios?

Xico - Doze anos. Você com esse

Prêmio Molière nas mãos. Essa mala.

Eu, aqui.

Olga - Foda,

né?

Xíco- É. É

foda.

*(Olga sai levando o prêmio e a mala.)*

*Xico senta-se numa cadeira, ao lado do telefone. Xico está triste. Quanto mais eufóricos estão Lampião e a Virgem, mais triste fica Xico. Xico chegará ao choro no ápice da cena ao lado. Lampião e a Virgem estão fazendo*

*amor. A Virgem chega ao orgasmo.) VIRGEM - Mais, mais, mais, mais... Eu vou ... Eu vou... Eu vou... Mais*

*devagar. Mais devagar. Agora. Vem!*

*Vem!*

*LAMPIÃO - Goza, Nossa Senhora!*

*Goza, Nossa Senhora! Goza, Nossa*

*Senhora! Goza, Virgem Santíssima!*

*Goza, Minha Senhora! Goza, Minha*

*Senhora! Minha Senhora! Minha*

*Senhora! Minha Senhora!*

*( Ambos atingem o orgasmo. Lampião se ergue, cansado e emocionado.) VIRGEM - Agora, Lampião. A peixeira.*

*A peixeira.*

*(Lampião pega a peixeira e vai na direção dela.)*

*LAMPIÃO - Sua vaca! Sua puta!*

*(A Virgem senta-se, agora como Dina.)*

*DINA - Foi bom demais, meu amor.*

*( Lampião vem vindo para o lado dela com a peixeira.)*

LAMPIÃO - Quer mais, sua puta?

DINA - O que é isso, Tuca?

*(Lampião mete a peixeira nela.*

*Mata ela.*

*(Xico está chorando.)*

Xico - Merda de vida!

*(Tuca cai em si. Se apavora. Sacode Dina.)*

TUCA - Meu Deus, o que foi que eu

fiz? O que foi que eu fiz?

*(Tuca corre até o telefone e disca nove números, nervoso. Toca o telefone na casa de Xico. Xico se recompõe e atende.)*

Xico-Alô?

TUCA - Xico?

Xico - Oi. rapaz. Como é que é?

TUCA - Uma cagada, Xico! Uma puta

cagada! Por favor, vem logo pra cá.

Pelo amor de Deus!

Xico - Mas o que foi, cara?

TUCA - Acabo de matar a Nossa

Senhora.

Xico - Pula que o pariu!

B. O.

1980

*(Ainda numa certa penumbra, entram os dois contra-regras, que*

*chamaremos de Ele e Ela, para*

*arrumarem a cena para a ação*

*seguinte. No plano A, uma mistura de quarto com cabine de*

*Caminhão. No plano B, a mesma sala da cena anterior mas dois anos antes.*

*Ele e Ela arrumam*

*tudo rapidamente. Da platéia deve-se notar que há um ligeiro sussurro entre os dois. Pode contra-regra, mas baixiinho. Ele parece estar ensinando um pouco de contra-regragem para ela. Os dois se mandam. As luzes se acendem nos dois planos. No plano A, um chofer de caminhão, interpretado por Tuca, está comendo um sanduíche de mortadela e ouvindo um programa de rádio. No plano B não tem ninguém em cena. No plano B entra Xico, de smoking, com a estatueta do Prêmio Molière nas mãos, eufórico. E um envelope de passagem nas mãos.) Xico - OlgalOlga!*

*( Xico senta-se na cadeira e fica olhando para a estatueta do prêmio.*

*Abre o envelope e tira uma pmssagem da Air France. Folheia a passagem. No plano A batem na janela do caminhão. O chofer abre o vidro.) CHOFER - Que que é?*

MOÇA - Posso falar com o senhor um instantinho?

CHOFER- Que é? Rifa? Tô a fim, não.

MOÇA - Não senhor.

*(O chofer abre a porta e entra uma moça do PT.)*

CHOFER - Não prefere conversar ali no bar?

MOÇA - Pode ser aqui mesmo.

CHOFER - *(Malícia.)* Aqui dentro?

MOÇA – Por não não?

CHOFER-Claro... é que eu nunca...

MOÇA - Estou acostumada a viajar de carona em muitos...

CHOFER - Ah, quer uma

carona.

MOÇA — Não, não. É

política.

CHOFER - Pegou o homem errado. Não entendo picas. Perdão.

*(Começa a tocar no rádio, neste momento, a música Besame Mucho.)* CHOFER - A moça vai me desculpar,

mas já que é de política, deixa

primeiro eu ouvir esta música.

Conhece?

MOÇA - Não é do meu tempo, mas

conheço.

CHOFER - Ouça que letra bonita.

Entendo espanhol, sabia?

*(Chofer fica ouvindo a música.)*

Xico - Olga! Porra, Olga, você tá em casa?

CHOFER - Grandes recordações.

Grandes.

MOÇA - Bonita a música.

OLGA – *(off.)* Já vou!

CHOFER - Belíssima.

*(Chofer fica cantando junto com o rádio.*

*No plano B, entra em cena Olga, de camisola.)*

OLGA - No banho. Como foi?

Xico - *(Animado.)* Você devia ter ido.

OLGA - Não faria esse papelão.

Xico - O que importa é isso aqui. Foi do caralho. Quando ele falou: Prêmio Molière de melhor autor de 1979, para Xico Vargas, pela peça *Besame*

*Mucho*, eu tremi.

OLGA - *(Ironizando.)* Imagino.

Xiro — Não custava nada você ter ido.

OLGA - Não seja ridículo, Xico

Vargas.

Xico - Sem contar a passagem. Agora a gente batalha um dinheiro, compra a sua...

OLGA - *(Cortando.)* A sua!

XICO -*(Faz que não ouve.)*... passagem e vai para Paris. Paris, Roma, Londres, Munique - que no verão é um barato -

depois volta por Nova Iorque.

OLGA - Já disse que não vou.

Xico - Como que não vai? Você já

conhece lá, sabe os lugares, as dicas, além de falar cinco línguas. Não falo nem inglês, é uma merda.

OLGA - Não fala, mas daqui a pouco está escrevendo em inglês.

Xico - Pelo amor de Deus, Olga, não começa, tá? Já conversamos sobre

isso. Foi a última vez.

OLGA - Última vez, como, Xico? Isso tem que acabar. *(Pega o prêmio.)* Prêmio Molière! Se os críticos

soubessem... *Besame Mucho...*

*(Olga sai. Xico fica olhando para a estatueta. Vai ficando triste, preocupado. No Plano A, acaba a música.)*

CHOFER - Antes, você me dá licença?

Preciso dar um telefonema.

MOÇA - Mas logo agora?

CHOFER - Essa música me lembrou  
uma pessoa. Ligo rápido. Um minuto.

Me espera?

MOÇA - Claro.

*( Chofer sai da cabine, vai até o telefone e disca nove números.  
Toca o telefone na casa de Xico.)*

Xico - Alô?

CHOFER - Meus parabéns, cara.

*Besame Mucho.*

Xico - Sabia que você ia ligar.

Comentei inda agorinha com a Olga.

CHOFER - Fiquei contente pacaralho, Xico. A sua fotografia hoje na  
*Folha.*

Até recortei. Uma beleza.

Xico - Brigado, rapaz. Quando é que você vem a São Paulo?

CHOFER - Qualquer hora eu pinto aí. A Olga tá bem?

Xico - O de sempre. E vocês, como

estão? Você continua trabalhando de chofer'?

CHOFER - Fazer o quê? Malandro, estou com uma moça do PT na minha

cabine... Manja, moça do PT?

Cabelinho enroladinho, um calcanhar daqueles, unha suja. Não raspa nem as pernas nem debaixo do braço. Uma

tesão.

Xico - Você que é feliz, cara.

CHOFER - Feliz é você: o melhor autor de teatro do país.

Xico - Pois é. Eu escrevo, mas quem come é você.

CHOFER - Me liga depois que eu estou com a moça em ponto de bala. Uma

tesãozinha, cara.

Xico - Vai fundo, cara. Vai fundo.

CHOFER - Puta abraço. Tá precisando de grana?

Xico - Não, obrigado, tudo em cima.

CHOFER - Tchau.

Xico - Tchau.

*(O chofer volta para a cabine do caminhão. Olga volta para a cena.)*

OLGA - Era ele?

Xico — Era.

OLGA - O grande escritor e o grande fodedor. Até quando vai esta

competição, Xico?

Xico - Você vai comigo para a

Europa.

OLGA - *(Senta-se na máquina de escrever.)* Acho que você devia escrever uma peça de trás pra frente.

Xico - Pra quê?

OLGA - Pra chegar na sua raiz.

**XICO** - Quer fazer o favor de parar de sociologar?

*( Apaga-se a luz no plano B. O*

*chofer entra no caminhão no plano A.)*

CHOFER - Desculpa

a demora.

MOÇA - Imagina.

CHOFER - O que é? Uma pesquisa?

Não entendo nada de política, não.

MOÇA - Pesquisa nenhuma.

Campanha. A gente é um partido pobre e então a campanha tem que ser feita assim na base do boca a boca. O senhor já tem candidato?

CHOFER - Pode me chamar de você.

Sabe, pra mim é tudo a mesma  
merda - com o perdão do baixo  
calão.

MOÇA - Ótimo.

**CHOFER** - O meu negócio é outro, sabe moça? Vai me desculpar a  
sinceridade, mas eu sou dos  
antigos. Entrou aqui dentro da  
cabine, não tem nada de política,  
não.

MOÇA - Você é a favor da política do corpo? Gabeira?

CHOFER - Desculpa se ofendi. Mas não tem papo nenhum de  
goiabeira, não.

Comigo é pão-pão, queijo-queijo. Você devia saber disso quando  
entrou aqui dentro. Não me parece tão inocente assim.

*(O chofer segura o braço dela. Ela sai dele.)*

MOÇA - Acho bom irmos com mais  
calma. Vim aqui para falar sobre o PT.

CHOFER - Mas falar o quê?

MOÇA - Por que é que temos

candidatos, por que é que estamos na luta. Não queremos o poder, queremos mudar o sistema todo.

CHOFER - Meu sistema é outro.

MOÇA - Você não passa de um machão.

CHOFER - Assumido e de consciência tranqüila. Não tenho nada de - como vocês falam - intelectual. Comigo é ali. Espremeu tem que chupar. Vai

fazer muito doce?

MOÇA - Mas o que é isso? Vai querer me pegar na marra aqui dentro?

CHOFER - Que papo é esse de PT?

Quando eu estava tomando a 51 lá

dentro, eu vi você me olhando. Não tirava o olho de mim. Vai negar? Vai negar?

MOÇA - Estava apenas vendo em você um possível eleitor para o meu

partido.

CHOFER - Grupo. Papo-furado. Vem vá, vem? Deixa eu ver se você raspa

debaixo do braço.

MOÇA - *(Pula de lado.)* Não raspo, não. E daí?

CHOFER - Acho a maior tesão mulher que não raspa debaixo do braço. Uma tesão. Perna, eu não gosto muito. Fica parecendo perna de homem. Deixa eu ver as perninhas, deixa. *(Levanta a saia dela.)*

MOÇA - O senhor pára com isso senão eu grito. Faço um escândalo aqui

dentro.

CHOFER - Se gritar leva tanta porrada que quando os homens chegarem aqui vão encontrar um monte de carne e

achar que esse caminhão trabalha

para um frigorífico. Vai escorrer

sangue por tudo quanto é parafuso.

Você nunca ouviu falar no Bento da Mercedes?

MOÇA - O senhor está muito enganado.

*( O chofer pega ela na marra e dá um beijo forçado nela. Ela lutando contra o beijo. Durante esta pequena cena, no plano B, luz:)*

Xico - Não vem não, Olga. A falta de tesão nao tem nada a ver com o meu trabalho. O fato de eu colocar as

minhas emoções nos meus personagens não significa...

OLGA - Mas quais são os personagens seus que têm emoção? De que peça?

Só se for das primeiras, porque das últimas...

Xico - E, depois, não sou só eu. Não vem colocar o problema nas minhas

costas, não. Eu não trepo. Mas você também não.

MOÇA — *(Num breve momento que ela consegue dizer alguma coisa.)* Pára com isso, pelo amor de Deus!

CHOFER — *(Dominando-a novamente.)* Quietinha, peludinha! Quietinha!

OLGA - *(Olhando para Xico.)* E por outras mulheres você tem tesão?

Xico - *(Imediatamente.)* Claro. Tá pensando que eu virei viado aos 33

anos?

*(Xico sai de cena, irritado com a pergunta.)*

*Cena volta para a cabine.*

*O chofer finalmente solta a moça. Ela respira com dificuldade.)*

CHOFER - Vai dizer que não gostou?

**MOÇA** – Voce é um idiota! Um animal!

CHOFER - Não grita que eu cubro de porrada! O frigorífico! *(Passando as mãos nos seios dela, por cima da blusa.)* Gostou ou não gostou?

MOÇA - Pelo amor de Deus, moço,

deixa eu ir embora, deixa? Meu Deus, que luta é fazer a campanha do PT!

**CHOFER** - Só vai embora depois de mostrar os pelinhos.

*(A moça levanta a saia, ele passa os dedos pelos pêlos dela.)*

CHOFER - Agora os outros.

MOÇA - Pelo amor de Deus, que

outros?

**CHOFER** - Da xoxota, porra!

MOÇA - Da xoxota, não.

**CHOFER** - Mas será possível que eu vou ter mesmo que te cobrir de porradas?

MOÇA - Mas será o benedito?

*( O chofer puxa a saia dela a arrancando e deita-se em cima dela e começa quase o que seria um estupro.*

*Inicialmente ela luta contra, mas, pouco a pouco, vai relaxando e começa a entrar no jogo dele. Até os dois atingirem o orgasmo final. Cada um cai para um lado, exaustos. Os dois começam a rir. Os dois contra-regras entram e colocam uma*

*mesinha, dois chopes e duas cadeiras.*

*Clareia e vemos Xico e Tuca sentados*

*nas duas cadeiras, tomando o chope.*

*Os dois estão em silêncio, como se estivessem conversando há um longo tempo e agora estão numa pausa.)* TUCA - Eu tenho medo, Xico. Não sei onde vamos chegar com isso.

Xico - Cuidado, Tuca. Um

analista.

TUCA - Nem pensar!

B. O.

1978

*( Entram os dois cotira-regras. Como sempre, sussurrando baixo. Estão preparando o palco para a cena seguinte. A cena seguinte se passa no quarto de Tuca e Dina. Não vemos mais nem altar nem cabine de*

*caminhão. Em compensação, o quarto mais se parece com um quarto de motel. Espelhos e luzes de várias cores. Ele e Ela estão arrumando tudo. Ela coloca um objeto em cena fora do lugar. Ele conserta para ela.)* ELE - É aqui, ó. Depois você aprende melhor. Primeiro dia é assim mesmo.

ELA - Olha o público. Fala baixo.

*( Ela vai saindo, ele passa a mão no bumbum dela. Ela não gosta.)*

ELA - Para com isso. Mania.

*( Os dois saem de cena. Luz no plano A, o quarto de Tuca e Dina. Entram Tuca e Dina, seguidos por Xico.)* Xico - *(Assim que entra.)* Loira?

TUCA - Loira.

*(Xico fica olhando o quarto dos dois.)*

Xico - Mas isso aqui é um altar da sacanagem.

DINA - Altar? Taí uma boa idéia, Tuca.

TUCA - Poderemos pensar nisso

depois.

DINA - *(Nas falas de Dina e Tuca sempre tem um leve toque de sacanagem. Mas não muito. Apenas o suficiente para deixar Xico meio encucado.)* Senta.

Xico - *(Senta-se.)* Mas como é isso de pintar de loira?

TUCA - Ela pintou de loira.

Xico - A xoxota? Não acredito.

DINA — Quer ver?

Xico - Imagina. Mas, pra quê?

TUCA —Pra variar.

Xico — Variar?

TUCA - Claro. Depois de dez anos de casamento, vale tudo. Depois de dez anos de casamento, você chega ao pedaço e olha a surpresa: loira.

Xico - Juro, não entendo.

TUCA — Claro que não entende. Por isso que o seu casamento está indo pra merda.

DINA - Xico, amor é uma coisa, sexo é outra.

Xico - Nem vem que não tem. Se vocês precisam pintar a xoxota de loira pra...

TUCA - Xico, a Olga é intelectual demais. Intelectual não gosta de trepar.

Xico - Mas que besteira é essa, Tuca?

DÍNA - Nosso casamento estava por

um fio. Mas por pouco mesmo.

TUCA - Outro dia a gente transou, eu pensando na Olga e ela pensando em você. Espero que você não se grile.

Xico - Bem, o que vocês querem que eu diga? Vamos lá para a sala?

DINA - Não está se sentindo bem

aqui?

Xico - *(Meio sem jeito.)* Vocês estão loucos.

TUCA - Aí é que está. Sabe quantas a gente dá por dia? Por dia, hein?

Xico -

Quantas?

TUCA - Cinco,

seis.

DINA - Oito.

TUCA - Isso foi só um dia. O dia da Miss Brasil.

Xico - E daí?

TUCA - E daí que é bom. Ou vai me

dizer que você não gosta mais de

trepar?

Xico - Quer dizer que, se não tingisse os cabelos, os pentelhos...

DINA - Isso não é nada. O que esse seu amigo me obriga a fazer.

Xico – Olha, vocês podem me achar

careta, o que quiserem, mas é

esquisito. Muito esquisito.

DINA - Conta a da

batata.

TUCA - Não, a da

batata, não.

*(Xico se levanta, está se sentindo mal ali dentro. Anda pelo quarto. Fica mexendo nas luzes que vão mudando de cor.)*

Xico - *(Tentando mudar de assunto.)* E as poesias, Tuca?

TUCA — Te contei, né? De Piracicaba?

Ganhei o concurso.

Xico - Mas, Tuca, você é um puta

poeta. Você devia mandar os seus

poemas pra concursos maiores.

Nacionais. Piracicaba... Grande

merda.

DINA - E O medo de não ganhar? Você se esqueceu que ele sempre foi o

primeiro da classe?

Xico - Esse viadinho. Sempre escreveu melhor do que eu. As redações do padre Pedro, lembra? Quem deveria ser o

escritor aqui era ele.

TUCA - As coisas se inverteram. Você que trepava o dia inteiro enquanto eu fazia poesia. Hoje é um dos melhores escritores do país e eu...

Xico - Dá oito por dia.

TUCA - Mas também mijo. Dá um

tempo.

*(Tuca sai. Dina fica sozinha com Xico.*

*Dina deita-se na cama.)*

Xico — *(Sempre querendo falar de outros assuntos.)* Ele tem escrito?

DINA - Pouco. Mas coisas maravilhosas.

Está numa fase erótica.

Xico - Nem precisava me contar.

DINA - Ele te ouve. Fala com ele. Pra ele escrever mais.

Xico - Antes ele me mandava todas.

Agora eu mando as peças. E ele só fala de sacanagem comigo. Eu sei que eu não tenho nada com isso, Dina, mas eu estou preocupado com essa maratona de vocês.

DINA - Agora não dá mais pra voltar atrás.

XICO - Mas como é que você entrou nessa? Você era a santa.

DINA - Resolvi um problema meu,

Xico. Não posso mais parar.

Xico - Mas vocês estão obcecados. Só pensam, só falam nisso. Quanto ao

fazer, tudo bem, mas eu sinto em vocês dois uma vontade de contar. É como se vocês fizessem isso para me contar.

Vim aqui conhecer a casa nova de vocês e olha onde vocês me recebem.

Nem me mostraram a piscina, que geralmente....

DINA - Está se sentindo mal aqui?

Xico - O que é que vocês querem provar?

DINA - Eu não quero provar nada. Mas ele quer.

Xico - Provar o quê? Pra quem?

DINA - Provar pra você. Sempre que ele bola uma sacanagem nova ele diz: essa, quem vai gostar é o Xico. O que me parece é que ele quer te mostrar que assim como você é o melhor escritor ele... Você não percebe?

Xico — Mas, por

quê?

DINA - Não sei.

*(Tuca volta.)*

TUCA

*rês riem. Há um*

-

*pequeno B. O. No*

Apro

*plano B:*

veitei

*Ao começar a cena, Olga está*

e,

*escrevendo à máquina, rapidamente.*

pensa

*Xico chega da rua e fica olhando por ndo*

*cima.)*

na

Xico - Como está?

loirin

ha,

**OLGA** - Você poderia, pelo menos, dar batidinhas uns palpites.

uma

Xico - Esta você fez questão de

bela

escrever sozinha.

de

OLGA - Esta e quantas mais?

uma

Xico - *(Pega umas folhas.)* Posso ler?

punhe

O

ta.

**LGA** - Claro, afinal o autor é você. O seu estilo está cada vez melhor, Xico.

Xico

-

Xico — (*Lendo.*) Será que passa?

(*Não*

OLGA - O Geisel não está dizendo que *resist*

a abertura vem aí com o próximo

e à

presidente? Que vem até a anistia?

*fixaçã*

*o do*

*amigo*

*e ri.)*

De

punhe

ta eu

enten

do.

Afina

I,

estou

casad

o há

oito

anos!

(

O

s

t

Xico

o que está muito pesada?

-

Xico-Esse torturador. O Herrera. Que Será?

barra, hein?

A

gente

Olga - A única vantagem é que, se der ficou bode, quem paga o pato é você.

tanto

Xico - Gracinha.

tempo

sem

OLGA - Deixa eu acabar essa cena.

es-

Xico - (*Calmo, tentando ser legal com creve ela.*) Olga, acho que a próxima você r devia assinar.

essas

coisas

OLGA - E ia adiantar? Algum crítico ia que achar que era minha? Vão dizer que agora quem escreveu foi você. Afinal, hoje, o até seu estilo é o meu. Isso não te preo-eu, cupa, Xico? (*Xico está distante.*) Xico, lendo, estou falando com você. Isso não está te fico preocupando? Não consigo aceitar que assust

isso não esteja interferindo na sua vida-ado.

Você não escreve mais nada. Há dois Quem

anos que você não escreve uma

diria

vírgula.

que

Xico - Claro que me preocupa, porra.

eu

Claro. Quando eu voltar a escrever não ainda

sei se vou conseguir escrever sozinho iria

tão bem como você.

escre

ver

uma

peça

sobre

tortur

a

antes

do

ano

2000.

OLGA

-

Você.

..

Acha

mesm

OLGA - A gente precisa resolver esse problema. Acho que estamos entrando num beco sem saída, Xico.

Xico - Não sei o que fazer. Quero que você assine. Mas se você começar a assinar eu vou morrer como autor.

OLGA - Mas você não tenta escrever.

O que está acontecendo com você,

Xico?

Xico - Você escreve muito melhor do que eu. Assina e pronto. Depois, eu me viro. A merda é que isso está

interferindo na vida particular da gente. Merda!

OLGA - Deixa eu acabar esta cena.

*( Olga começa a bater freneticamente à máquina. Xico, por trás, fica olhando.*

*No plano A, o casal atingindo o seu orgasmo. Caem os dois de lado.*

*No plano B, continua a bateção de máquina, enquanto Xico abre um jornal onde se lêem manchetes de um jornal de 1978.)*

DINA - Bigode de lado, agora você não é mais o professor de ioga.

TUCA - O que eu vou ser agora?

DINA - Eu, eu já sei. De hoje em diante eu vou ser garota propaganda.

Modelo.

TUCA - De modess. Acho legal. Acho legal você anunciar modess.

DINA - Deixa eu ver como é que eu

quero. Deixa eu ver. Nelson Piquet, Emerson, Osmar Santos, Pelé - Pelé é muito complicado. Figueiredo...

Mendigo. Faz mendigo, faz!

TUCA - Mendigo?

DINA - Desses bem pobres, sujos,

esfarrapados, bafo de cachaça,

maconheiro — muita maconha, mas

muita maconha mesmo, caidão. Faça

um modelito bem brasileiro, bem

pobre, bem fudido. Você bate na porta, eu vou abrir, você pergunta se tem coisa pra dar, eu digo que não sobrou nada.

MENDIGO - Mas por que,  
dona?

DONA - Porque não sobrou  
nada.

MENDIGO — Nada mesmo? Três dias  
que eu não como, Dona.

DONA - Naqueles três dias, modess  
na vulva.

MENDIGO - Nada, dona.

DONA - Não come nada? Aderente à  
calcinha. Impermeáveis, não soltam as tiras, não deformam e não  
têm cheiro.

Meu Deus, confundi tudo. Nem  
mulher, seu Zé? Há três dias que não come nem mulher ?

MENDIGO - Qué isso, dona? Mulher  
então... Se a senhora soubesse há  
quanto tempo eu não vejo nem mesmo um umbigo...

DONA - Calma, Tuca. Assim a gente  
está indo rápido demais. Não tem o menor clima. Primeiro eu te  
trago a comida.

TUCA - Não estou gostando, não.

Vamos pensar noutro.

DINA - Se eu pedir você faz?

TUCA — Ué, se eu conseguir. Depende.

DINA-Faz o Xico?

TUCA - O Xico Vargas?

DINA - Você consegue.

TUCA - *(Olha bem para ela.)* Você quer mesmo?

DINA - Claro, vai ser legal.

TUCA - Só se você fizer a Olga.

DINA - Você sempre teve tesão por ela, não é?

TUCA - Não posso negar. E você. pelo Xico.

DINA - Coisas de adolescência.

TUCA - *(Pensa.)* Sabe que eu acho difícil fazer o Xico? Não consigo imaginar o Xico trepando.

DINA - Pois eu consigo. Espera, eu tive uma idéia. Falei em adolescência e tive uma puta idéia.

TUCA - O que foi?

DINA - Espera um

pouco.

*(Dina sai e logo depois volta com uma faixa de papel higiênico, como se fosse uma Miss Brasil.)*

DINA - Sou a Miss Brasil. Vem,

Xico!

B.O.

1976

*( Na pequena penumbra entram os dois contra-regras para mudarem o*

*cenário. Enquanto vão mudando vão falando baixinho.)*

ELE - Não vejo nada demais.

ELA - Pois eu vejo. Se você não parar com essas bolinações lá atrás eu vou falar com o diretor.

ELE - Fala baixo, porra.

*( Ela se abaixa para arrumar alguma coisa, ele vem por trás e a bolina.)* ELE - O que que custa?

ELA - Olha o público. Mania! Nossa!

Tarado!

ELE - Vai no camarim um. Camarim

um!

ELA - Bobo, parece que não se

enxerga.

*( Voltam as luzes normais. No plano B, Xico está escrevendo na máquina de escrever. Olga está lendo um livro.*

*No plano A, Tuca e Dina estão assistindo à televisão, deitados na cama.)*

TUCA - Analista, nem pensar.

DINA - Foi apenas uma idéia.

TUCA - O seu problema é muito mais grave, pode ser por isso.

DINA - Enquanto você ficar colocando a culpa em mim, a gente não vai

resolver nada.

*(No plano B:)*

Xico - Dá uma olhada nesta cena.

OLGA - *(Vai até a máquina e fica olhando por trás.)* O que tem?

Xico - Este personagem. O Leocádio.

Qual você acha que deve ser a reação dele agora?

OLGA - Ele já ficou sabendo que o pessoal do banco descobriu tudo?

Xico - Já. Chegou em casa e se encontrou com o filho mais velho. O filho pede um dinheiro para ele.

OLGA - Pede um dinheiro.

Xico - Exatamente.

OLGA - *(Tira a folha da máquina.)* Deixa eu ler isso com mais calma.

Talvez se fosse uma filha no lugar de filho...

Xico - Por que?

OLGA - Uma coisa que eu estou

pensando.

*( Olga senta-se para ler o que Xico estava escrevendo. Ele pega o livro que ela estava lendo. No plano A:)* DÍNA - Não tenho culpa. Sabia que

mais de setenta por cento das mulheres brasileiras nunca sentiram orgasmo?

Li na revista Nova.

TUCA - Mas o médico não disse que é psicológico?

DINA - Mas o que é que você quer que eu faça? Não consigo tirar as freiras da minha cabeça. Não consigo. *(Pequena pausa.)* Principalmente a Irmã Encarnación!

TUCA - Não que eu queira dizer que a culpa seja apenas sua.

DINA - Mas eu preciso resolver esse problema. Quando eu tinha quinze

anos, não mais do que isso, estava começando o Normal, urna freira me chamou. A Irmã Encarnación.

Resolveu me dar uns conselhos. Disse que estava na hora de eu saber os

segredos da vida. Sexo, casamento, essas coisas. Sabe o que ela me falou?

Que, se o marido pedisse para fazer alguma coisa diferente, nem pensar. E

procurar um padre imediatamente para me con-fessar. Me falou em relação anal.

TUCA - Relação o que?

DINA - Dar o cu, Tuca.

TUCA - Ah, sim. A freira

falou nisso?

DINA - A Irmã Encarnación. Falou. Me disse que, se a gente fizesse isso, o canal ia ficar largo e nunca mais ia fechar. Que o cocô ia ficar saindo o dia inteiro. Sem a gente perceber.

TUCA - Não acredito.

DINA - Te juro. Quero ver minha mãe morta, sequinha, atrás da porta.

TUCA-Porra...

*(No plano B, Olga vai até a máquina.)*

OLGA - Me dá uma licencinha aqui.

Xico - O que foi?

OLGA - Tive uma idéia. Acho que

resolve o problema da cena. Realmente foi a filha e não o filho.  
*(Senta-se na máquina, coloca o papel.)* Posso?

Xico - Claro, imagina.

*(No plano A, Tuca está distante. Dina olhando para de.)*

DINA - Posso saber onde anda sua  
cabeça?

TUCA - Dá mais de onze por cento ao mês.

DINA - O quê?

TUCA - Se aplicar com o Pastorello.

DINA - Mas será que você não

consegue pensar em mais nada a não ser em dinheiro? Hein, Tuca?

Dinheiro, dinheiro, dinheiro!

TUCA - Alguém tem que garantir o

dinheiro aqui dentro. Já que de sexo não se fala mais.

DINA - Porra, Tuca. A gente estava conversando. Eu preciso te  
contar as minhas coisas. Talvez ajude. Eu tenho que gozar um dia.  
Eu preciso! Eu

quero saber como é que é. E, se eu nunca gozar, você vai ter que  
conviver com isso.

TUCA - Aí é que está. Eu não consigo.

Por isso prefiro pensar no dinheiro do Pastorello. Será que você não percebe, Dina, que isso me brocha, me

desanima, me frustra? Te juro. Eu fico com complexo de culpa.

DINA - Complexo de culpa, do quê?

TUCA - De eu gozar e você não. Aí

então eu brocho. Porra, são quase dez anos de casamento. E nada.

DINA - Tuca, agora, falando sério, se isso te grila tanto, a gente se separa.

TUCA - Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Tem as crianças.

*(No plano B:*

*Olga pára de escrever.)*

OLGA - Assim ficou melhor. Posso escrever a cena seguinte?

Xico - *(Lendo a cena.)* Claro. Ficou ótima. Manda ver.

**OLGA** - Quero assinar junto essa merda, hein?

Xico - Claro.

*(Olga volta a escrever. Xico fica olhando para o papel e depois para ela, meio intrigado.)*

XTCO - Pelo menos nesse ponto a gente dá certo.

OLGA — *(Ligada à máquina.)* É...

Xico - Sabe que eu estive conversando com uma pessoa sobre esse negócio do casal ir brochando, brochando e acabar virando irmão?

OLGA - *(Sempre escrevendo.)* É?

Xico— *(Indo colocar a música Besame Mucho na vitrola.)* Todo mundo acha isso normal. Normal.

OLGA - Normal?

Xico - É. Se você fala que está casado há cinco anos, eles falam que é a crise dos cinco. Se você fala que é há sete, é a crise dos sete. Tem casal que trepa duas vezes por ano. sabia?

OLGA - A gente então está ótimo. Uma cada dois meses...

Xico - Uma média exemplar.

OLGA - *(Para de escrever.)* Você não se cansa de ouvir esta música?

Xico - Me lembra Albuquerque.

**OLGA** - Acho que a gente devia começar a pensar em tomar uma providência, Xico. Esse negócio de ser normal, eu estou até aqui. Pra mim, não é normal.

DINA - *(No plano A.)* Fora o salitre que as freiras colocavam na água que era para brochar de vez.

TUCA - *(No plano A.)* No Fim do ano dá pra comprar a casa.

DINA - *(No plano A.)* Pra mim, esta tá ótima.

Xico - É fase.

OLGA - Pois eu espero que passe.

Xico — Passa.

OLGA - Leia a cena. Acho que dá um novo impulso.

*(Xico pega e fica lendo a cena. Olga vem por trás e o abraça. Faz um carinho no cabelo dele.)*

OLGA - Te amo.

Xico - Você é uma puta escritora,

Olga. Porra...

*(No planoA, Tuca, sentado na cama, fazendo contas com uma maquininha de somar. Dina saiu de cena. Dina volta com uma peruca loira nas mãos.)* DINA - Olha o que eu comprei!

TUCA - Ficou doida? Não me diga que vai ter coragem de usar essa cafonice.

DINA - É que parece com a Marilyn

Monroe. Você não acha?

TUCA - Imagina.

*(Dina coloca a peruca.)*

DINA - Que tal?

*(Tuca começa a rir.)*

TUCA - Ridículo.

DINA - Sinto-me como se fosse ela.

TUCA - Fala em inglês pra ver se  
convence.

DINA - E eu sei falar inglês. Tuca?

TUCA - O ventilador! O ventilador!

Onde é que está a porra do ventilador?

*( Tuca pega o ventilador e o deita no chão. Dina fica olhando, sem entender muito bem. Tuca liga o ventilador.)* TUCA-Issso. Fica quietinha ai. Assim.

Agora, Dina, faz aquela cena do filme.

A cena da saia.

DINA - *(Está olhando no espelho.)* Sabe que olhando bem assim no espelho,

sabe que eu pareço mesmo com ela?

TUCA - *(Já meio excitado.)* Tal e qual.

Passa aqui por cima do ventilador.

Vamos, passa. Lembra do filme?

DINA - Isso não vai dar choque,

não?

TUCA - Que bobagem. Dina.

*( Dina vai caminhando lentamente em direção ao ventilador. Durante o trajeto dela, no plano B:)*

Xico - *(Acabou de ler o texto.)* Olga, no duro, ficou do caralho. Você não quer terminar essa peça pra mim?

*( No plano A, está passando por cima do ventilador Dina, fazendo a famosa cena.)*

TUCA - Meu Deus, estou com o maior tesão.

DINA - Eu também tou. Esse

ventinho aqui embaixo.

TUCA — *(Chamando para a cama.)* Vem cá, vem. Mas vem de peruca.

DINA - Não, vem você aqui. Com o

ventilador embaixo. Meu Deus, que

loucura!

TUCA - *(Indo.)* Faz de conta que eu sou o Clark Gable. Me chama de

Clark Gable, Marilyn.

*(Tuca vai para cima de Dina,*

*começando uma cena de amor com o ventilador embaixo.)*

DINA-Clark!

TUCA-Marilyn!

*(Os dois começam afazer*

*amor. No plano B:)*

Xico - Você devia fazer ficção, Olga.

Esta merda de sociologia aí.

**OLGA** - Imagina. O escritor aqui é você.

Xico - Você vai acabar essa peça

para mim?

**OLGA** - Você quer mesmo?

Xico - Não vejo nada de mais. Você vê? O dinheiro a gente acaba gastando junto mesmo.

*( No plano A Dina dá um urro de quem gozou. De quem gozou pela primeira vez. Em pé, estão os dois.)* TUCA - Você gozou, Dina?

DINA — Quase morro. Minhas pernas

estão bambas. Gozei de Marilyn

Monroe. Quero que a Irmã

Encarnación se foda!

*( No plano B:)*

OLGA - E OS críticos?

Xico - Quero que os críticos se

fodam!

B. O.

1974

*(Entram os dois contra-regras para arrumarem tudo. Ela entra colocando a blusa para dentro da calça. Como se Ele a estivesse bolinando lá dentro.)* ELA - Você é doido! Se não parar com isso...

ELE - Vai dizer que você não gostou?

ELA - Fica assistindo a esta peça todo dia, dá nisso.

ELE - Sabe que você tem um  
peitinho...

ELA — Pelo amor de Deus, pára com  
isso!

ELE - Você reclama, mas foi no  
camarim um.

ELA - Para pegar a peruca. Onde está a peruca da Marilyn?

ELE - Tá aqui. Coloca ela,  
coloca.

ELA - Ai, Edinaldo, pára com  
isso!

*(Saem os dois. Apenas ação no plano B. Chegam os dois casais da rua. Xico está com uma criança no colo que ele vai logo levar para dentro. Olga não está com a cara nada boa.)*

TUCA - Mas o que esses padres  
enchem o saco! A vontade que eu

estava de rir. Mas será que todo

batizado é essa lengalenga ou a gente deu azar? Puta que o pariu!

DINA - Pensei que não fosse acabar de falar nunca.

OLGA - Eu, por mim, não tinha

batizado.

Xico - (*Voltando de dentro.*) Nem pensar. Depois morre e vai pro limbo.

OLGA- XICO ! Que coisa!

Xico - E O limbo deve ser o lugar mais chato de toda a infinidade.

OLGA - Infinito, você quis dizer.

XÍCO - Isso. O que deve ter de bebê chorando, brigando e cagando e

mijando e vomitando... Já pensaram?

Nem pensar. Filho meu, batiza.

DINA - Mas vocês não estão sabendo?

TUCA - Bebês de toda a eternidade.

Bebês gregos, romanos, nazistas, de Jerusalém, da Caldéia, da Antártida, da Idade Média, bebês renascentistas, modernistas, japoneses... Já pensaram a choradeira que não deve ser? Bilhões e bilhões e bilhões de fraldas para serem trocadas dia a dia, noite após noite.

Haja varal.

DINA-Posso falar?

Xico - Deus me livre.

DINA - Posso falar,  
porra?

Xico - Fala, Dina.

OLGA - (*Sempre fria.*) Vocês querem beber alguma coisa?

TUCA - Cachaça. Daquela que eu  
trouxe.

DÍNA - Posso falar, porra?

XÍCO - Deixa a Dina falar.

DINA - Fecharam o limbo!

Xíco-Qué isso?!!

DINA — Tô sabendo.

Xico - Fecharam como?

DINA - Um desses concílios aí. Acho que foi o papa de antes. O que eu sei é que fecharam. Vi numa entrevista com o dom Agnello Rossi.

Xico - Protesto! E para onde foram as criancinhas todas?

TUCA - Já pensaram? Devem ter

colocado todas elas no purgatório até resolverem o que fazer com elas.

Xico - Mas então o purgatório deve estar um transtorno filho da puta.

OLGA - Tá vendo? Não precisava,  
então, batizar.

Xico - Quem diria. Fecharam o limbo.

Putá que o pariu!

DINA - Pra você ver.

Xico - Com isso vai-se um pouco da minha infância, da minha adolescência, da minha religião, dos meus pais, da minha puta que o pariu.

OLGA - Engraçado você, Xico. Sempre que se encontra com o Tuca, dispara a dizer palavrão.

Xico - É mesmo? Sabe que eu nunca  
tinha reparado?

DINA - Ah, minha filha, esses dois só pensam em sacanagem.

Xico - Olha quem está falando.

OLGA - Tava demorando para vocês

caírem no assunto preferido de vocês: sacanagem! Demorou. mas chegaram

lá. Começou pelo limbo, passou pelo purgatório e caiu no inferno.

DINA - ih, Olga, larga a mão de ser intelectual. Sabe que me irrita, isso?

OLGA — O que me irrita é essa

conversa de vocês. Já-já vão começar a contar como que comiam as galinhas, as cabras e as éguas lá em

Albuquerque.

Xico - Que santo baixou em você, hein, Olga? Você está irritada é por outra razão. Não vem desviando, não.

OLGA -E isso aí.

Xico - Vou abrir o jogo. A Olga não queria que a nossa filha se chamasse Tuca. Pra mim Tuca também é nome

de mulher. É ou não é?

OLGA - Não é por ser nome de mulher ou não. É que eu não tenho nada a ver com os tratos de vocês quando eram adolescentes lá no interior.

TUCA - Se eu soubesse... Quero deixar bem claro que eu não forcei nada.

Xico - Tava combinado e ficou assim.

O filho deles não se chama Xiquinho?

Com X, como eu? Ponto final! Vai

buscar a cachaça de uma vez, Olga. Que saco!

DINA - Olha, Olga, a gente não estava sabendo disso.

OLGA - Claro que estavam.

Xico - Agora já batizou e não se fala mais nisso.

OLGA - Sabia ou não sabia, Tuca?

TUCA - Não pensava que fosse tão grave assim.

DINA - Por que, Olga? Você, como intelectual com pós-graduação na Bélgica, acha o nome feio?

OLGA - Vá à merda, Dina!

DINA - Nossa, como ela está!

OLGA - Até aqui com essa situação!

Xico — Que situação, Olga?

OLGA - Deixa pra lá.

Xico - Não, senhora. Agora vamos até o fim.

TUCA - Vocês não vão ficar brigando aqui, né?

OLGA - (*Referindo-se a Xico e Tuca.*) Vocês dois deviam se sentar num divã de analista.

DINA - Não estou entendendo nada.

OLGA - E vai morrer sem entender.

DINA - Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

TUCA - E eu sei lá? Algum bicho mordeu a Olga.

OLGA — Essa mania de vocês dois. (*Dina e Tuca.*) Me enche o saco, Mania de vocês. Nós somos os intelectuais. Que merda é essa? Tenho lá culpa se você não passou do curso Normal?

DINA - Casei cedo, minha filha. Não tive tempo de ficar pajeando subversivo na Europa. Aliás, casei cedo e virgem!

Tuca - Ih!

OLGA - Ai, Dina, que besteira. Estamos em 1974.

XICO - Posso pôr ordem no galinheiro?

OLGA - Não foi você quem disse para a gente ir até o fundo? Talvez se o Tuca tivesse virado poeta não ficasse pensando em sexo o dia inteiro.

TUCA - E quem foi que disse que eu fico pensando em sexo o dia inteiro?

OLGA - Tá escrito na tua testa. S-E-X-0!, em letra de fôrma.

Xico - Mas, afinal, onde está a cachaça?

OLGA - Sei lá do caralho da cachaça!

Xico - É Tuca o nome da menina e não se discute mais. Eles já batizaram e ponto final.

OLGA – Por que você se engana sempre , hein, Xico? Você sabe muito bem que eu estou puta da vida não é por causa DA Tuca.

TUCA – Peraí que a indireta foi sutil, mas bateu.

DINA - A única coisa que eu tenho

certeza é que fecharam o limbo. Li no *Estadão*.

TUCA - O quê que há, Olga?

*(Choro de bebê no quarto ao*

*lado.)*

OLGA - Olha aí. Acordaram a

... Tuca!

*( Olga sai. Xico e Tuca sentam-se quase extasiados, cansados.)*

DINA - Posso saber o que está

acontecendo?

TUCA - E você, vá a merda, Dina!

DINA - O que é isso? Pra cima de mim, agora? Eu, hein? Quer saber de uma coisa? Me desculpa, Xico, gosto muito de você, mas essa sua mulher é uma pentelha! Sempre achei. Sempre!

*(Dina pega as suas coisas e vai embora, batendo a porta. Ficam Xico e Tuca sozinhos, um olhando para o outro, sérios.)*

Xico - Sabe que a Tuca parece com

você?

1972

*(Entram os dois contra-regras. Ele, meio assustado, fechando a braguilha da calça. Ela, como se recolocando os seios para dentro da blusa. Enquanto vão arrumando a cena, vão conversando.)*

ELA - Estou falando sério, Edinaldo.

Se toda noite for essa barra, eu largo o emprego hoje mesmo.

ELE - Besteira. Foi uma luta arrumar pra colocar você aqui dentro. Tava lodo mundo de olho nessa boca.

ELA — Não sabia que você era tarado.

ELE - Tarado porra nenhuma. Pensa

que eu não sei de você lá no Ruth

Escobar com o Wanderley?

ELA - Não sabe nada, porque não  
aconteceu nada.

ELE - O que é que ele tem, que eu não tenho?

ELA - Meu namorado vem me buscar  
depois do espetáculo.

ELE - Foda-se.

*(Terminam a arrumação e saem. Luz no plano B. Xico e Tuca estão  
puxando um fumo.)*

TUCA — Coisa finíssima. Você  
nunca foi lá?

Xico - Nunca.

TUCA - Precisa ver, cara.

Universitárias.

Xico - Mas elas não gozam, Tuca.

TUCA - Fingem bem pra caralho.

Xico - É tão bom mulher que goza.

*(Pausa.)* O rei do La Licorne, é?

TUCA - Tendo dinheiro, meu cara. Mas tem uma que de tarde me dá de graça.

Foi com a minha cara. Paguei só a primeira vez.

Xíco-E a Dina?

TUCA - O que tem a Dina?

Xico - Você conta para ela?

TUCA - Claro que não, cara. Pra quê?

Xico - Mas você não fica com complexo de culpa?

TUCA - Porra nenhuma.

Xico - Pois é. Eu Fico. Se eu transo com uma outra mulher, me dá um

complexo de culpa que eu quase

morro. Acordo no dia seguinte numa merda de fazer gosto.

TUCA - É que você intelectualiza tudo.

Buceta é buceta e coração é coração.

Você precisa ir comigo lá no La

Licorne.

Xico - Um dia, quem sabe. *(Pausa.)* Mas, e se ela fizesse análise, Tuca?

TUCA - O problema pode ser meu

também, Xico. Ando obcecado. Eu só penso em sacanagem. E quando eu

trepo com ela - coisa rara, hein? - eu só penso em sacanagem. Papai e

mamãe não me satisfaz mais.

Xico - Mas que tipo de sacanagem?

Comer o cu? Deixar ela chupar o seu?

Isso é normal. *(Brinca.)* Não é mais pecado. A igreja evoluiu muito.

TUCA - Se fosse só isso, cara. Se você soubesse as coisas que eu penso fazer, falar, dizer e...

*(Olga entra da rua, com a barriga de oito meses.)*

OLGA - Mas que surpresa!

TUCA - Olguinha, meu amor!

*(Abraçam-se e beijam-se.)*

OLGA - A Dina veio?

TUCA — Vim sozinho. Uma audiência aqui. As crianças, né? E essa barriga?

Xico - Para qualquer momento em

edição extraordinária. O que o médico disse?

**TUCA** — Vocês vão ver. Filho é a melhor coisa do mundo. Não dá para explicar. Só tendo.

OLGA - Tudo em cima. O bebê está perfeito.

TUCA - Lembra do trato, hein? Vai ter que ter o meu nome.

OLGA — Não tenho nada a ver com os tratos de vocês. Se cortaram o dedinho, tiraram o sangue e escreveram na

última página do caderno, etc, etc, etc, eu não tenho nada a ver com isso.

Deixa eu fazer um xixi que eu estou que não agüento mais. A Dina fazia muito xixi quando estava grávida?

TUCA - Nossa!

( *Olga sai* )

Xico - Deixa que eu convenço ela.

(*Enquanto Olga falava, Xico*

*colocou Besame Mucho na vitrola.*) TUCA - Por que você colocou esta

música?

Xico - Achei que você ia gostar.

Lembra os bons tempos de

Albuquerque.

TUCA — Mas justamente essa?

Xico - Por que não? Você tem medo

desta música ?

*(Tuca vai até a vitrola e desliga.)* TUCA - Sabe que, quanto mais famoso você fica como escritor, mais vontade eu tenho de bolar e fazer sacanagem?

Xico — Freud explica.

TUCA - Eu sei. Por isso que nem

pensar em fazer análise ou coisa

parecida. Sou do tempo que fazer

análise era levar cocô ao médico.

Xico - E hoje? Continua sendo.

TUCA - Hoje eu adoro foder. Sabia que uma das coisas que eu mais gosto de fazer é trepar com feminista? Adoro foder feminista. Descobri uma coisa incrível: toda feminista é uma mulher enrustida.

*(Apaga-se a luz no plano B, acende-se no plano A. Dina e Tuca estão deitados na cama, distantes um do outro.)*

DINA - O melhor é a gente se

conformar.

TUCA - Pois eu não me conformo. Eu prefiro me separar. Digo isso por você.

Talvez com uma outra pessoa, você...

DINA - Nem morta. Nem morta. Você

sabe o que falam das desquitadas aqui em Albu.

TUCA - Caguei para o que falam.

DINA - Diz isso porque não é de você que vão falar. É de mim. E não quero que o Xiquinho cresça ouvindo

mexericos por aí. Sendo chamado de

"olha lá o filho daquela desquitada".

Pode tirar isso da cabeça.

TUCA - E a gente vai continuar casado pra quê? Você devia ter sido freira.

DINA - Pára com isso. O fato de eu não gozar não quer dizer que eu não goste de trepar. *(Pausa.)* Por que você não faz como todo homem aqui de

Albuquerque? Vá pra zona. Se vira lá.

Eu me seguro aqui.

TUCA - Merda! Mas que papo mais

besta, Dina. Vamos fazer uma viagem.

Dinheiro é o que não falta. Vamos

para a Europa, os Estados Unidos, pra puta que o pariu.

DINA — Pelo menos enquanto o

Xiquinho for pequeno, eu não me

separo. Você pode quebrar o seu galho como quiser. Desde que eu não fique sabendo. Nem eu, nem as minhas

amigas.

TUCA - E todos na cidade nos consideram o casal perfeito, ideal, bonitinho... Se eles soubessem.

DINA - Todos os casamentos são assim.

TUCA - Também não é assim.

DINA - Você não vai à cabeleireira como eu.

TUCA - Mas a gente tem que encontrar uma solução viável, Dina. Alguma

coisa que **satisfaça** você e eu.

DINA - Você se divirta ganhando dinheiro que eu tomo conta da casa e do Xiquinho.

TUCA - Mas isso é o fim do mundo.

DINA - Alguém disse que não é?

*(Tuca e Dina se abraçam fortemente.*

*Ele alisa o cabelo dela.)*

TUCA — *(Sério, comovido.)* Te trair, jamais!

B.O.

1970

*(Entram o contra-regra e a contra-regra. Ele está sem as calças e ela com a blusa aberta, mostrando o sutiã. Ela está chorando.)*

ELE — Me desculpa. Juro, eu não devia ter feito isso.

ELA - Não vejo a hora do meu namorado chegar. Você vai ver com ele.

ELE - Deixa de ser chata. Já pedi desculpas.

ELA-Nunca tinha feito isso!

Nunca!

ELE - Não acredito. Pelo jeito, você tinha muita experiência.

ELA - Minhas amigas contam. Não sou tão bobinha assim.

ELE-Pára de chorar. Olha o público.

Podem escutar alguma coisa e aí quem se fode sou eu.

ELA - Vista as calças, pelo amor de Deus.

*(Acabam a arrumação e*

*saem. Luz no plano B.*

*Xico está escrevendo à máquina.*

*Tocam a campainha.)*

Xico - *(De costas para a porta.)* Entra.

Tá aberta. *(Continua a bater.) (Entra Olga, vai atrás dele. Sem que ele se volte.)*

OLGA - Você sabe o nome do ministro da Guerra francês?

*(Xico pára de bater à máquina.*

*Reconhece a voz. Sorri feliz, e vira-se imediatamente.)*

Xico - Olga?

OLGA - Olga. Que cara de espanto é essa? Nem um beijo?

Xico - Mil beijos. Milhares.

*(Xico abraça Olga e rodopia no ar com ela.)*

Xico - Dois anos. Dois anos, não

fazem?

OLGA - Faz dois anos. Faz. Você não aprende mesmo.

Xico - E você, pelo jeito, não mudou nada.

**OLOA** - A gente vai morrer se vendo de dois em dois anos.

Xico - Já é um consolo.

OLGA — *(Olhando na máquina.)*

Teatro?

Xico - Não, não. É um artigo que o Ênio Silveira me pediu para a revista da editora Civilização Brasileira. Uma espécie de paralelo

entre a euforia da conquista da Copa e os embaixadores seqüestrados.

OLGA - Li a crítica de sua primeira peça na *Veja*. Lá em Louvain.

Xico - Sabe que eu adoro quando eu saio na *Veja*'? Sei que você vai ler. O

seu irmão me disse que tinha feito uma assinatura para você.

OLGA - Maior sucesso, né?

Xico - Sabe o que o Hemingway

disse?

OLGA -Pelo que me consta, ele disse coisas pacas.

Xico - Disse que a gente escreve para duas pessoas: para a gente mesmo e para a pessoa que a gente ama.

OLGA - Ah, é? E o público?

Xico - O público fica de *voyeur* desta declaração de amor.

OLGA — E O Tuca, tem escrito?

Xico - (*Não entende ou não quer entender a relação.*) O Tuca? Não.

Cada vez menos. Acho que a barra

entre ele e a Dina não está nada boa.

OLGA - Senti pelas cartas dela. Fico com pena dela.Foi educada para um mundo e caiu em um outro, muito diferente. O

choque foi demais para ela.

Xico - *(Olhando para Olga, a matar saudades e curioso ao mesmo tempo.)* E você?

**OLGA** - O que tem eu?

Xico - Você e o seu... companheiro?

OLGA - Acabou.

Xico - Acabou?

OLGA - Acabamos tudo. Deu o tempo.

Xico - *(Sorri.)* Devo comemorar?

OLGA - *(Séria.)* Foi difícil. Pra mim e pra ele. Duro. Três anos, praticamente.

*(Disfarça, lendo o artigo dele.)* "Brasil troca dólar por tostão." O título é ótimo.

Xico — *(Tira o papel da mão dela e brinca.)* Eu queria declarar pra quem interessar possa que eu te amei, te amo e sempre vou te amar. *(Ela fica olhando sério para ele.)* Não precisa dizer nada. Só queria que você

soubesse disso.

OLGA - Sempre soube, Xico. Tá

morando sozinho.

Xico - Fazer, né? Tocando.

OLGA - Espera um pouco.

*(Olga sai pela porta que entrou e volta com uma mala nas mãos.)*

Olga – Posso ?

Xico - O que é isso?

OLGA - Uma mala. Com as minhas coisas, é claro.

Xico - O significado?

OLGA - Vim pra ficar. Posso?

Xico - Hein?

OLGA - É isso mesmo que você ouviu.

Posso?

*(Xico fica olhando para ela. Ela vem até ele, passa as mãos nos cabelos dele. Ele começa a chorar.)*

OLGA - Você é tão bobo.

Xico - Nós dois. Somos dois idiotas.

*(Xico e Olga se beijam.)* Como é mesmo o nome do ministro da Guerra francês?

# 1968

*(Entram os dois contra-regras. Ela também já está sem as calças Lee. Ela entra chorando. Vão arrumando tudo em silêncio, um silêncio*

*constrangedor.)*

ELA — Nunca pensei. Nunca

pensei.

ELE - Desculpa.

ELA - Cala a boca. Por favor, não fala mais comigo. Onde é que fica o

revólver?

ELE - Ali.

ELA - *(Colocando o revólver no lugar.)* Você me disse que a cena era grande, que dava tempo.

**ELE** - O beijo deles era bem maior.

Não sei o que aconteceu.

ELA - Que vergonha, meu Deus. Que

vergonha!

ELE - Tá escuro. Ninguém repara, não.

ELA — Que vergonha.

ELE - Cê tem um par de pernas...

ELA - Chato.

*(Antes de saírem, ele ainda segura no queixo dela,*

*fazendo um*

*carinho. Digamos*

*que ela gostou.*

*Luz se acende num plano abstrato, num bar. Estão Tuca e Xico..)*

Xico - Na hora que eles resolveram, colocaram fogo na faculdade, prenderam todos. A minha sorte é que, quando invadiram a faculdade, eu

estava no banco trabalhando. Puta

rabo. No congresso de Ibiúna, a

mesma coisa. Não consegui

autorização para viajar.

TUCA - E com o AI-5 as coisas

fecharam mesmo?

Xico - Agora fodeu tudo. Mas a gente está aí. E a Olga, você tem notícias?

Ela tem escrito para a Dina?

TUCA - Está no sul da França. De vez em quando chega uma carta dela.

Xico - E a Dina, como está?

TUCA - Não está legal, sabe, Xico? A Dina tem uns problemas de sexo,

sabe? Coisas que puseram na cabeça dela. Pra resumir, eu acho que ela acha que é pecado trepar. Não que ela ache e vá se confessar depois, mas ela faz a coisa com medo, com complexo de culpa.

Xico - Que merda, cara. E a Olga,

Tuca? Esse cara que está com ela na Europa. Ela gosta mesmo dele, como é que é? Sabe que eu arrumo namorada, basta eu arrumar uma namorada que

eu começo a sonhar com a Olga?

Mas não é um sonhinho simples, não.

É sonhar a noite inteira. Outro dia contei para a Lea, que eu estava namorando, e a Lea me disse que eu tinha que pegar um avião e ir até lá para resolver esse problema. Pegou as coisas dela e se mandou. Mas é batata.

Toda noite. Pode ser convencimento meu, Tuca, mas eu acho que ela ainda gosta de mim. Esse cara dela, pode ser muito legal, comunista, o caralho, mas... Deixa pra lá.

TUCA - Essas menininhas da

faculdade, todas, né? Tá fodendo que nem um louco, não é?

Xico - Tuca, me responda com toda

sinceridade: você também não tem

ejaculação precoce?

TUCA - Que isso, cara? Que besteira é essa?

Xico - Tô falando sério. Uma

pesquisa para uma peça que eu estou escrevendo. Estou certo de que todo brasileiro nascido na década de 40

tem ejaculação precoce.

TUCA - Baseado em quê?

Xico - Lembra que a gente fazia

campeonatinho pra ver quem gozava

primeiro, batendo punheta? Lembra?

Ficava todo mundo sentado lá atrás do campo de futebol. Eu, você, o Caio, o Sérgio, o César, o Bosco - até uma vez a mãe do Bosco pegou. Lembra?

TUCA - Claro que lembro.

Xico - Então, a gente passou a

adolescência toda exercitando em

gozar mais rápido. Naquele tempo

gozar primeiro dava *status*.

TUCA - Sabe que é uma verdade?

Xico - E essas meninas aqui de São Paulo gostam que a gente demore, que vá devagar. Agora eu estou entrando no ritmo delas, mas no começo,..

TUCA - Sabe que eu nunca pensei

nisso? Interessante. *(Muda de assunto.)* Vamos lá no Teatro Santana, pegar uns *streap-teases*?

Xico - Taí um bom programa pras

duas da tarde. Desde que os meus

amigos comunistas não fiquem

sabendo. Sabia que comunista detesta sexo? Juro! Não trepam! Dizem eles que trepar é coisa da pequena

burguesia. Por isso que são tão poucos: não se reproduzem...

TUCA - Taí: escritor conhecido,

intelectual de esquerda, mas ainda gosta de uma boa sacanagem. Trata-se de uma exceção.

*(Mudança de foco de luz. para um muro, onde vemos Xico com uma arma na mão, comendo um*

*sanduíche. A arma está apontada para algum lugar. Por trás dele vem chegando Olga.)*

OLGA - *(Antes que ele veja.)* O ministro da Guerra de ontem é o presidente de hoje.

*(Xico vira-se e vê Olga. Há dois anos que não se vêem. Olga abraça Xico.)* XÍCO - O que você está fazendo

aqui?

OLGA - Tudo bem?

Xico -*(Meio sem jeito, com a arma na mão.)* Aqui, na luta. E você, como foi que conseguiu entrar na faculdade?

OLGA - Estou com o pessoal de Bauru lá na FAU-XICO - Como está a rua Maria

Antônia?

OLGA - O prédio está começando a  
pegar fogo.

Xico - Filhos da puta! *(Olha para a minissaia dela.)* E você? Tempo, né?

OLGA-Dois anos.

Xico - Tempo paca.

OLGA - Li O seu livro de contos.

Xico - Gostou?

OLGA - Muito. O pessoal da faculdade lá em Bauru gostou muito. Virou

escritor, é?

Xico - Cê vê? Esgotou. Quem diria...

OLGA - Sucesso.

XICO - Acho até que o Tuca ficou meio enciumado. Mas, e você?

**OLGA** - Vou trancar a  
matrícula.

Xico - Vai voltar para

Albuquerque?

Olga - *(Está meio sem jeito de contar.)* Não. Vou pra França. Soube que você estava aqui. Vim me despedir.

Xico - França? Bolsa?

OLGA - Conheci ura carinha lá em

Bauru, Xico. Um carinha legal.

Xico - Namorado?

**OLGA** - É... Meu namorado, Ele precisa se mandar. Tão atrás dele.

Xico - Entendo. Não sabia que você estava fazendo política estudantil. Pra mim você continuava a mesma...

OLGA - Pois é. Ele fez a minha cabeça.

Xico - O carinha, o carinha aí, tá na clandestinidade?

OLGA - É. Mas transou pra sair. Teve sorte. O pai dele. Teve sorte.

Xico - E você gosta dele?

OLGA - Gosto.

Xico - Vai se casar?

OLGA - *(Muda.)* Qual é a sua função aqui?

Xico - Tá vendo aquele muro? O CCC

está ameaçando invadir a faculdade.

Se pintar uma cabeça lá, eu atiro.

Pintou alguém lá, eu atiro daqui.

OLGA - Você tem certeza que atira?

Xico - Pelo amor de Deus, Olga, não me confunda mais do que eu já estou confundido, Eu estou aqui nessa luta há mais de duas horas. Não sei. Não sei se vou ter coragem para atirar. Não sei. Não sei, talvez atire para cima.

Acho que não nasci pra guerrilheiro, não. O seu carinha, o que foi que ele fez?

OLGA - Assalto a banco. Mão armada.

Acertou um guarda.

Xico - Sei.

OLGA - O seu livro, Xico. Você devia lutar é com a literatura. Você está escrevendo bem pacas. Eu também

andei escrevendo uns contos.

Bobageiras, mas escrevi.

Xico - Tá todo mundo na luta, Olga.

Ficar escrevendo em casa, fico me

sentindo alienado...

OLGA —(Ri.) Alienado... Lembra?

Xico — Claro. Como iria me esquecer.

Acho que agora estou te conhecendo.

*(Olha o revólver.)* Tenho medo disso daqui. Se eu der o primeiro tiro, acho que não vou parar nunca. Mas a

coragem para dar o primeiro...

OLGA — *(Retoma)*. Não vou casar. A gente vai morar junto; depois, não sei.

Xico - *(Longa pausa.)* Você ainda é virgem?

OLGA - Faz alguma diferença pra  
você?

Xico - Minha cabeça ainda é de  
Albuquerque.

OLGA - Faz alguma diferença ser uma alienada virgem ou uma puta  
assumida?

Xico - Você me entendeu.

OLGA - Não, não sou. Muda alguma  
coisa?

Xico - *(Sem agredir.)* A faculdade te fez bem, Olga. Você mudou.

OLGA - Você também  
mudou.

Xico-É.

OLGA - É. E agora é tarde. Inês é  
morta. A sua vida foi para um lado e a minha pra outro.

**Xico** -( **Segura** Olga pelo braço.) Essa viagem pra França. Não tem jeito?

OLGA - Não, Xico. Vim te dar um tchau. Vim te dizer até qualquer dia.

*(Rajada de metralhadoras. Os dois se abaixam e se abraçam.)*

Xico - Tá vendo? Olha só o cagaço.

OLGA - Te escrevo. Te mando o meu endereço.

Xico - Melhor não.

OLGA - Talvez. Não somos mais as duas criancinhas de Albu. Você agora tem um revólver na mão e eu um passaporte na bolsa.

Xico - E um carinha te esperando. Ele é legal?

OLGA - Foi torturado uma semana e não abriu a boca.

Xico - Gente fina. Fico contente.

OLGA - Não pára de escrever, Xico.

Xico - Estou pensando em escrever pra teatro. Dizem que até dá grana.

Olga - Espero que dê certo.

Xico - Vai dar.

*( Outra rajada de metralhadora. Eles se abaixam novamente e se abraçam. Ficam se olhando e começam a se beijar. Passam do beijo para o amor propriamente dito. Xico começa a passar as mãos nas pernas dela. Ela cede. Começam a fazer amor. A luz vai baixando nesse canto, o som das rajadas de metralhadoras vai se fundindo com o choro de um recém-nascido. Dina está numa cama de dar à luz. Tuca está ao seu lado.)* TUCA - Não disse que tudo ia dar certo?

DINA - Lindo, você viu?

TUCA - Mais bonito, impossível. O Xiquinho.

Com X.

DINA - Como você quiser. Será que ele vai ser feliz, Tuca?

TUCA - E por que não haveria de ser, amor?

DINA - Aquilo que a gente conversou, Tuca.

TUCA - Por favor, Dina. O menino nasceu perfeito, grande, gordo, quase quatro quilos, mais de cinqüenta centímetros, com uma saúde de ferro.

DINA - Mas eu queria ter este filho sentindo o orgasmo, Tuca.

TUCA - Pelo amor de Deus, Dina. O

Brasil pegando fogo e você se

preocupa, no dia que nasceu seu filho, com o orgasmo? Orgasmo pinta.

( **Volta** a luz para Xíco e Olga está se levantando e se arrumando.)

Xico - Fica.

OLGA - Não posso, Xico. Um dia, talvez.

Xico - Te espero.

OLGA - Quem sabe.

*(No outro plano.)*

DINA - Fica sendo Xico, então?

TUCA - Por que não?

1966

*(Entram os dois contra-regras.*

*Ele só de cuecas e camisa. Ela de calcinha e a blusa aberta, já sem o sutiã. Ela está brava com Ele.*

ELA - Vocês são todos iguais.

ELE — Eu devia ter desconfiado.

ELA - Ficou me atijando o tempo

todo. Depois tirou da seringa.

ELE - Você é doida.

ELA - Você não queria? Agora que eu quero, você não quer mais.

ELE - Eu queria uma coisa, você quer outra.

ELA - Acha que tem graça ficar

tirando sarrinho atrás do cenário o tempo todo? Onde é que eu coloco

essa mala?

ELE - Aqui, ó. Tarada!

ELA — EU, é? Tava muito bem, quietinha. Você que começou.

ELE - Sou casado. O que você quer é me comprometer.

ELA - Parece bobo. Vai no camarim um, vai.

ELE — Já disse que sou casado.

ELA - Pois agora vai ter que ir até o fim. Cê tem razão. Essa peça só tem sacanagem. Tou molhadinha.

Ele - Tarada!

ELA — Vem, estou te esperando.

ELE - Meu Deus do céu!

*(Saem as dois. Luz na rodoviária.*

*Xico está se despedindo, vai para São Paulo. Duas matas, alguns livros.)*

Xico - Eu continuo achando que você devia ir para São Paulo também, Tuca.

TUCA - Não.

Xico - Você é um puta escritor, um puta poeta. Vai ficar aqui em Albuquerque fazendo versinho pra baile de debulante...

TUCA - Me formo e fico com o escritório do meu pai, Xico. Não suporto São Paulo. Além do mais, caso daqui a um mês.

Xico - Me instalo e mando o meu endereço.

TUCA - Você também escreve. Vai se dar bem por lá.

Xico - Mas, aqui, o escritor é você. Tô a fim é de comer todas as mulheres de São Paulo.

TUCA - Mas tem que contar depois, hein? Comer sem contar não tem a menor graça.

Xico - Um dia você também vai pra

lá.

TUCA- Pegando o escritório do meu

pai, a clientela dele... Você vai ver. Eu ainda acabo prefeito desta cidade.

Xico - Por que não ser prefeito de São Paulo?

TUCA - *(Brinca.)* É mais fácil ser o primeiro da classe aqui em Albu.

Xico - *(Ri.)* Eu venho para o seu casamento.

TUCA - Claro. Imagina se o padrinho não vier. E você e a Olga?

Xico - Não dava mais, Tuca. Ela tá puta comigo... Mas as minhas preocupações agora são outras. Tou a fim de partir pra luta mesmo. E foder.

Quero conhecer aquelas meninas.

TUCA - Vai, companheiro. Eu fico aqui poetando e você fica lá punhetando.

Xico - Tenho certeza de que um dia você ainda vai ser o maior poeta deste país, Tuca.

TUCA - Besteira, Xico. Sendo o maior poeta daqui já está bom. Fico é com inveja de você. As meninas da USP. Os inferninhos da Major Sertório. Dizem que não tem erro. Coma umas por

mim.

Xico - Pode deixar.

TUCA - Vai, que o ônibus vai partir.

Xico - Tô aqui para o seu casamento.

TUCA - Se você não vier não tem casamento.

Xico - Dá um abraço no César.

TUCA - Pode deixar. Depois que nasceu a Helena ele não sai mais de casa.

Xico -(Ri.) O único da turma a já ter feito um 69. Tchau.

TUCA - Tchau. Boa sorte.

Xico - Procê também.

*(Dão um forte e querido abraço. Xico vai embora. Tuca fica sozinho. Tuca abana a mão. Vai chegando Dina e a mão que estava abanando vai entrando dentro da blusa de Dina, pegando no peito dela. Já é outra cena.)*

DINA - Chega, pelo amor de Deus!

TUCA - Mas você não está gostando?

DINA - Já disse para parar com isso. Que coisa. Vocês são todos iguais.

Parece que não sabe onde colocar a mão...

TUCA - Mas a gente tá noivo, Dina.

DINA - Mais um motivo. Espera, ué.

Faltam só dois meses.

TUCA - Vai me dizer que não gosta?

DINA — Parece que não consegue esperar dois meses. Assanhamento...

TUCA - A gente tá namorando há quatro anos.

DINA - Tira essa mão daí. Daqui a pouco acaba o filme, acende a luz, olha o escândalo.

TUCA - Então segura aqui. (*No sexo.*)

DINA - Ficou doido?

TUCA - Merda, o Brasil é eliminado da Copa por Portugal e eu não posso nem pegar num peitinho.

DINA — Tem hora que eu penso que

você é tarado. Parece que só pensa nisso. Nem parece que é poeta. Lendo as suas poesias, quem não te conhece acha que é um santo. Chega aqui é

mão pra cá, mão pra lá, a calça toda levantada. Olha aí, que escândalo. Que coisa. Pára, Tuca.

*(Xico e Olga estão também assistindo ao filme.)*

OLGA - Mas eu não consigo te entender, Xico.

Xico - Eu vou embora, Olga. Vou

morar em São Paulo. São quinhentos quilômetros,

OLGA - Por isso, não. A Daise e o Luís Roberto estão namorando assim há

mais de três anos, enquanto ele não se forma lá em São Carlos. Por isso não.

Xico - Mas é diferente.

OLGA - Não vejo por quê. Já sei. Você não gosta mais de mim.

**Xico** - Não é nada disso, Olga.

OLGA - Então, qual é o problema de você ficar em São Paulo e eu aqui?

Xico - É longe.

OLGA - *(Chora.)* Tu quer é cair na gandaia, não é? Com aquelas vagabundas lá de São Paulo.

Xico - Não é nada disso, Olguinha.

Não chora, pelo amor de Deus. Olha o escândalo.

OLGA - Mas, então, o que é

então?

Xico - Não gosto mais de

você.

Ol.GA - Não disse? E por que não falou logo? Por que ficou enrolando o tempo todo? Quer dizer que nestes quatro anos você estava gozando, me enga-nando?

Xico - Não. Olga, não é isso. Eu vou ser sincero com você.

OLGA - Quatro anos. Quatro anos da minha vida. E agora, como é que eu fico? Você sabe muito bem que você foi meu único namorado. Aprendi a beijar com você. Nem gostava. Achava anti-higiênico, Mas você me forçava. Eu acabei cedendo. O que mais você

queria, hein? Agora você vai para São Paulo, me dá um pontapé na bunda...

Xico — Olha o escândalo.

OLGA - ... como se eu fosse uma

qualquer.

Xico - Pára de chorar, porra. Eu

explico. *(Ela continua a chorar. No outro plano.)*

TUCA - Quer saber de uma coisa? Você tem problemas.

DINA - Que problemas, Tuca? Tenho

culpa de ser honesta, cristã? Tarado!

Tuca-Tarado é o Xico! Sou normal.

Li num livro que sexo é normal. Que é saudável. Que faz bem para o coração.

DINA - Depois do casamento. Se disse que é antes, pode ter certeza que foi escrito por comunista. Vamos ter a vida inteira pela frente. Dois meses só, Tuca. Mas quer fazer o favor de tirar a mão daí?

TUCA - Tem menina que deixa, sabia?

DINA - Sabia. Tanto sabia que sei de todas. São faladas. São chamadas sabe do quê? Fáceis. Fáceis. Pensa que todo mundo não comenta da Aninha, aquela que veio de Rio Preto? Da Noemi, filha do seu José Roberto Português? Da Rosi? Da Rosi, então.., Com um sujeito que já foi até preso. Rebia copos e copos de maconha e fumava LSD.

Todo mundo comenta delas.

Resultado: vão ficar para titias.

Porque, você pode ter certeza que na hora de casar mesmo, de procurar uma mulher para o resto da vida. vão

procurar é a gente.

TUCA — Você é tão boba.

DINA - Boba, é? Conheço os segredos da vida. As freiras me contaram tudo.

Tudo-tudo-tudo.

*(No outro piano.)*

Xico - Quer parar de chorar, para mim explicar?

OLGA - Pra eu explicar. Pra eu. Nem português sabe.

Xico -Fiz Científico, não fiz Normal.

OLGA - Então fala de uma vez. Por que que está tudo acabado?

Xico - Pode ficar chateada, bronqueada, chorar mais, fazer o que quiser. Mas você é uma alienada!

OLGA. - Sou o quê?

Xico - Isso aí. Uma alienada!

OLOA - Mas que história é essa?

Xico - Quer ver? Quer ver? Me diga o nome do ministro da Guerra atual?

OLGA - Mas a troco de que eu preciso saber o nome do ministro da Guerra atual? Se não tem guerra no Brasil desde a Guerra do Paraguai?

Xico - Tá vendo? Não sabe. Você não percebe o que os militares estão fazendo neste país?

OLGA. - Isso eu sei. Tenho uma tia que participou da Marcha com Deus pela Família.

Xico - Tá vendo? Tá vendo?

Alienada! E eu não quero me casar com uma mulher alienada.

OLGA - Mas que conversa é essa pra cima de mim? Tá pensando que eu sou boba feito a Dina?

XÍCO — Fala baixo.

OLGA - Tá pensando, é? E desde quando o senhor é... Já sei. já sei. E

aquele seu professor de Português, o professor Ulisses. Te meteu idéias comunistas na cabeça.

Xico - E isso mesmo. E daí?

OLGA - Olha aqui. Xico. Estou decepcionada, sabia? Eu te amo, sabe? Te amo paca. Deixei o beijo de língua. Eu vou ficar sabendo ainda hoje quem é o viado do ministro da Guerra atual. Se é preciso saber o nome desse sujeito pra você casar comigo, eu vou ficar sabendo.

Xico - Costa e Silva! Costa e Silva! *(Xico se levanta e sai.)*

OLGA - *(Para ela mesma.)* Eu sabia.

Virou comunista. Bem que o meu

pai diz que comunista não gosta de mulher. Só pensa em camponês.

*(No outro plano.)*

TUCA - Mesmo que você fique

grávida - e olha que grávida não

fica assim da noite pro dia, não. É

uma batalha. Mesmo que você fique

grávida, só faltam dois meses.

DINA – SERÁ que você não consegue entender que eu tenho medo ?

TUCA - Medo do quê? Só dói na

primeira vez. Mesmo assim, indo com carinho...

DINA - Não é esse medo, seu bobo.

Nem de ficar grávida. É medo. Medo.

Não sei explicar. As freiras já me explicaram.

TUCA - Freira é uma merda mesmo.

Não trepam e não deixam ninguém

trepam.

1964

*(Entra o contra-regra segurando as calças e Ela atrás dele. Vão arrumando e falando. O tom é baixo, pra platéia não ouvir.)*

ELA - Pois agora você vai ter que ir até o fim.

ELE - Você pára com isso.

*(Ela agarra Ele jogando-o em cima da cama e pula em cima. Ele faz um esforço danado e se livra dela.)* ELE - Olha aqui, menina. Tá todo

mundo vendo.

ELA - Tá escuro. Ou vai ser aqui ou vai ser lá no camarim um.

ELE - Pelo amor de Deus. Vamos

arrumar isso logo. Coloca a raquete e as bolinhas naquele canto.

ELA - Faça sozinho. Vou te esperar lá dentro.

*(Ela sai. Ele continua a arrumar tudo.*

*Ela joga o sutiã em cena.)*

ELE - Meu Deus! Se o diretor fica

sabendo disso.

*(Ele cheira o sutiã e sai de cena. Ao acender a cena, Tuca e Xico estão sentados no chão, tomando uma*

*caipirinha. Pela movimentação de suas cabeças, percebe-se que estão assistindo a uma partida de tênis entre Olga e Dina.)*

TUCA - A sorte da gente é que foi

esse ano. Se fosse no ano que vem, já viu, a gente estaria servindo e aí, olha o tamanho do pipinoso. Não viu o

César? De 45. Se fodeu. Tá lá na divisa de Minas. E dizem que pode sair

tiroteio a qualquer momento.

Xico - Eu não entendo muito de

política, não, mas acho que o Jango não podia ser tão perigoso assim. E

aquela mulher dele, hein, Tuca? Vinte e três anos. Que coroinha enxuta, meu Deus. Eu com uma mulher daquela ia mais é querer que o **Brasil** se fodesse.

Ficava em casa o dia inteiro.

TUCA - Gosto mais da Jacqueline. Tem mais peito. Já pensou, nós dois com as duas? Todo mundo pelado... Pelo

amor de Deus, faz mal até pensar,

Xico - Porque, com essas duas aí, tá uma luta. Uma dificuldade. E uma

mentalidade... Com a Dina em que

ponto vocês estão?

TUCA — Uma luta! Outro dia, no

parquinho, depois de um suador danado na roda gigante, lá em cima, consegui encostar o dedo no bico do peito dela.

Malandro, se você soubesse como ela chorou... Contou pra freira, a freira ameaçou chamar a mãe dela... foi foda.

Xico - Por falar em foda, chegou uma mina nova na zona — tá na casa da

Gaúcha — que eu nem te conto. A

Gaúcha, aquela da dentada, lembra?

TUCA – Claro.

Xico - Pois essa que chegou, nem te conto. Ela faz um negócio chamado

chuveirinho.

TUCA - Chuveirinho?

Xico - Chuveirinho. A gente fica

sentado assim, ó. Deitado, né? Não precisa nem se incomodar com nada.

Ela vem por cima, coloca uma perna de cada lado, ela mesmo pega o pau da gente e senta em cima. A gente não precisa nem mexer. Fica caladão lá embaixo. E ela faz todo o serviço. Fica subindo e descendo. Mexe a bunda

assim, ó. Puta que pariu! Já comi três vezes. Coisa do outro mundo.

TOCA - Recebo a mesada amanhã. Vou lá. Cobra quanto?

Xico - Mesmo preço. Vai de tarde que ela faz abatimento. Não é por nada não, Tuca, mas a Dina tá com um par de

pernas que puta que o pariu!

TUCA - E a Olga, então? Olha o joelho da Olga. Gosto de joelho assim,

carnudo. Tipo Nara Leão. Sou vidrado.

Xico – ( Brinca ) Não põe a minha mulher no meio que eu ponho no meio da sua mulher

TUCA - Essas meninas são umas

chatas. Não deixam nada.

Xico - Se não fosse a

zona.

TUCA - E as

punhetas.

Xico - Claro, as punhetas. Falar nisso, hoje não bati nenhuma.

*(Os dois ficam olhando as duas jogarem.)*

TUCA - E se a gente fizesse um troca-troca?

Xico - Deixa de ser besta, Tuca.

TUCA — Tô falando sério. Ninguém ia ficar sabendo.

Xico - Tá a fim de comer viado, vai comer o Jacó e o Nelsinho.

TUCA - Tô falando sério, Xico. Outro dia eu estava pensando. Na hora que eu estiver te comendo...

Xico - Pára com isso.

TUCA — Deixa eu explicar. Na hora que eu estou te comendo, eu fico pensando que estou comendo a Dina...

Xico - Ah, é? E eu, levando no cu, fico pensando em quem?

TUCA - Não pensa em ninguém. Fica

relaxado.

Xico - Pára com essa conversa, Tuca.

Parece bobo.

TUCA - Depois você me come e fica pensando na Olga. Se quiser pode pensar na Dina também. Desde que depois você me deixe pensar na Olga também.

Xico - Besteira, Tuca.

TUCA - O teu erro é ficar pensando só na hora que vai estar dando. Tem que pensar só na hora que estiver comendo.

Xico - Você teria coragem mesmo?

TUCA - E você?

Xico - Cê besta!

*(A luz vai caindo em resistência com os dois olhando as duas jogando-Rosto pra cá; rosto pra lá. Fica B. O. e vai subindo em resistência com as duas chegando no local onde estavam os dois. Estão cansadas, suadas, depois do jogo.)*

OLGA - Cadê os dois?

DINA. - Devem estar no vestiário.

Olga - Fazendo?

DINA - Eles não vão jogar?

Olga - Claro. Morta! Dois sets é demais. *(Silêncio entre as duas.)* E então, Dina, já decidiu?

DINA - O quê?

OLGA - Vai fazer faculdade ou não?

DINA — Uma preguiça... Acho que nasci mesmo para prendas domésticas.

Casar, criar filhos, cuidar do

cachorrinho, esperar o maridinho em casa. Como a minha mãe. Mas o que eu gostaria mesmo é de ser Miss Brasil.

OLGA - Tá brincando. Tão difícil.

DINA - Te juro. Primeiro, Miss

Albuquerque, depois Miss São Paulo e, finalmente, Miss Brasil. Miss

Universo não. que eu sou modesta. Te juro. Quando eu ouço no rádio o

concurso de Miss eu fico doida. Fico esperando o *speaker* dizer meu nome.

Miss Albuquerque, Dina **Strópoi**. É

claro que ele não vai dizer Dinamarca Strópoi. Não sei onde o meu pai

estava com a cabeça. Dinamarca.

OLGA - Meu sonho c viajar, sabe?

Conhecer a Europa, os Estados Unidos.

Paris. Ver a troca da guarda da rainha em Londres, já pensou?

DINA - Ver se a torre Eiffel é mesmo inclinada...

OLGA — Mas tenho vontade de estudar sociologia.

DINA - O que faz quem estuda

sociologia?

OLGA - Sei lá. Acho o nome bonito.

Socióloga. Não soa bonito?

DINA - Quero ter muitos filhos. Filha única, basta eu. É um horror. A

Marilyn Monroe, coitada. Era filha única- É um horror.

OLGA - Imagino. Você acha mesmo

que vai se casar com o Tuca?

DINA - Tenho certeza. E ele também. E

você, Olga? Como é que você se

imagina daqui a uns vinte anos? Eu, eu tenho certeza que vou estar casada com o Tuca, feliz, rodeada de filhos.

Quiçá, netos.

OLGA - Daqui a uns vinte anos? Lá por 1984? Ih, mas tá tão longe... Não sei, não consigo imaginar. É tempo pra

burro. Feliz! Eu só espero isso. Estar tão feliz em 1984 como eu estou

agora.

DINA - *Me too.*

*(Dina e Olga, que estavam sentadas uma perto da outra, encostam uma a cabeça no ombro da outra. Olga fica fazendo carinho no cabelo de Dina.)* OLGA - *(Depois de longo silêncio.)* Você é tão burrinha, Dina.

DINA - *(Sai do abraço.)* Não começa, Olga.

OLGA - Tão burrinha que é capaz de ser mesmo feliz.

DINA - Que papo mais besta, Olga.

Você sim, que se julga uma gênia. Só porque sabe fazer acrósticos.

*(Dina*

*sai...)* B. O.

1962

*(Para surpresa geral, os dois **contra-***

***regras** não entram, desta vez. Ao acender a luz, vêm caminhando Tuca e Xico, com copos de Cuba Libre na mão, indo até um lugar que se presume seja o bar do clube, no dia, ou melhor, na noite do baile de debulantes. Está tocando um bolero. Os dois se*

*encostam no balcão.)*

TUCA - Já pegou na mão?

Xico - Claro,

TUCA — Dançando ou assim fora da pista?

Xico - Fora da pista só no cotovelo para atravessar a rua.

TUCA - Me disseram que a Dina é uma dificuldade. Mas comigo ela vai ver quanto dói uma saudade. E o César?

Xico - O César? Pode ter certeza que ele já deve estar lá na sacada com a Aninha.

*(Olga e Dina estão napista, chegando.)*

OLGA - Como é mesmo o nome da orquestra?

DINA - Sylvio Mazzucca.

Olga - Ótima.

DINA - Uma beleza. Que valsa.

OLGA - Lembra do Continental de Jaú?

Uma maravilha. *(Aponta os dois.)* Os dois agem como se a gente não

estivesse aqui. *(Sentam-se.)*

DINA - Eu, pra dizer a verdade, não estou nem aí. Pediram a gente em

namoro, a gente aceitou e agora ficam fazendo doce.

*(Onde estão os dois.)*

TUCA - Acho bom a gente ir tirar as duas pra dançar.

Xico - Deixa eu passar o pau para o lado direito. *(Passa o pau para o lado direito.)* O seu, como está?

TUCA - No ponto. Do lado direito e sem cueca que é pro bicho não encontrar resistência. Contou quantas músicas são em cada seleção?

Xico - Seis. Não tem erro. Na quinta a gente começa a pensar em Nossa

Senhora que é pra **não** dar vexame quando voltar.

TUCA - Então à

luta!

Xico-À luta!

*(Os dois vão tirar as duas para dançar.)*

*Rodopiam um pouco com elas. Eles estão fazendo de tudo para encoxare.*

*elas tirando fora. Essas cenas são rápidas. Eles deixam as meninas nos lugares e voltam para o bar. Enchem os copos de uísque.)*

Xico - Eu disse que ia ser uma luta.

TUCA - Será que não vai dar bode,  
misturar?

Xico - Vamos. Vamos beber que a  
noite é uma criança.

*(Onde estão Olga e Dina.)*

OLGA - Se eles pensam que eu vou ficar a noite toda tomando chá de cadeira, eles estão muito enganados.

DINA - Você soube da

Aninha?

OLGA - O que, menina?

DINA - Outro dia ela passou da conta com as Cubas Libres e me contou

tudo. Ela e o César.

OLGA - **Beija** de língua? Não acredito.

DINA - Imagina. Isso ela deu no primeiro dia.

OLGA - Não acredito.

DINA - Você acha que eu ia te mentir, menina?

OLGA — De língua, no primeiro dia?

DINA - Você não acha isso meio nojentão?

Esse negócio de língua?

*(No bar.)*

Xico - O César me contou.

TUCA - O quê?

Xico - Tudo.

TUCA - O quê? Não acredito.

Xico - Agorinha. Eu cheguei pra ele e perguntei: César, você já — tá me entendendo

— com a Aninha? Ele ficou puto. Disse que não ia falar que depois todo mundo ia ficar falando. Aí eu perguntei pra ele: e 69, você já fez?

TUCA-E ele?

*(As meninas.)*

DINA - 69, não. Mas às vezes 6, às vezes 9.

OLGA - Meu Deus!

*(No bar.)*

TUCA - Já tô meio de porre.

Xico - Também. Vamos dançar.

*(Os dois vão litar as duas para dançar. Dançam um twist com elas. Eles estão meio de porre.)* XÍCO E TUCA – Você peidou!!!

OLGA - Quer saber de uma coisa?

Vou falar com a mãe e vou-me

embora.

DINA - Pois eu acho uma boa idéia.

*(As duas se retiram. Música:*

*Besame Mucho. Ficam os dois no bar. Bebem mais. Um com o braço no ombro do outro.)*

TUCA -Essas mulheres são umas chatas.

Xico - Umas chatas.

TUCA -Umas chatíssimas.

Xico - Umas chatíssimas.

TUCA - Sabe que eu estive pensando...

Xico - Eu também estive pensando...

TUCA - Vamos embora?

Xico - Juntos. Abraçados. Como dois pombinhos.

Tuca – Como duas pombinhas.

Xico - Como duas pombinhas.

Tuca – Puras e inocentes

Xico - Puras e inocentes.

TUCA - Cê pode até não entender, mas me deu vontade de te dar um beijo, sabia?

Xico-Em mim também...

*(Os dois se abraçam e vão*

*caminhando para o fundo do palco, que a estas alturas é apenas um espaço infinito.*

*Começa a aumentar Besame Mucho e eles vão caminhando lentamente.*

*Eles juntam as cabeças. Um passa a mão no cabelo do outro.*

*A música aumenta cada vez mais. Lá no fundo do palco eles vão virando lentamente e se beijam na boca, de leve, uma coisa delicada, uma coisa dúbia.*

*Entra correndo, nu, o contra-regra no palco. Correndo atrás dele, igualmente nua, Ela. Eles percebem que estão com as luzes acesas. Param.*

*Ele coloca a mão no sexo, com*

*vergonha. Ela faz a mesma coisa.) B. O. Final.*

FIM

### **A imprensa fala de *Besame Mucho*:**

Você se sente beijado, acariciado. Primeiro um tapa na cara; depois canetas e mais carícias. Mário Prata vai adocicando suas personagens até nos dar um delicioso beijo na boca.

*Folha de São Paulo* -Maria Cecília Garcia

Mário Prata é um autor que sabe usar muito bem sua matéria afetiva (...). Seu maior mérito, no entanto, está num senso de humor, por vezes irresistível, capaz de encontrar a graça nos momentos mais terríveis - como numa barricada em pleno 68 -, mostrando-se um frasísta da melhor qualidade.

*O Globo* -Flávio Marinho

Essa juventude angustiada com o

funcionamento do próprio corpo, sem lugar para obter respostas e totalmente reprimida pelos valores dos colégios de freiras, onde mesmo a mocinha mais inteligente era de uma alienação total, está muito bem exposta por Mário Prata.

*Folha de São Paulo* -Marta Suplicy (...) A peça de Mário Prata fez enorme sucesso, e sua presença revelou-se oportuna, pois o seu humor malicioso e a franqueza com que ela aborda os problemas sexuais da geração nascida nos anos 40

repercutiram como uma sensação muito polêmica no meio dos costumes

conservadores e reprimidos da capital uruguaia.

Jornal doBrasil-Yan Michalski

1 Comentários publicados na imprensa brasileira no final dos anos 80 após a estrelada peça.